

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

ISAC NOEL FERNANDES SUASSUNA

“VIROU GENTE OUTRA FEITA”: UM ESTUDO DO PERSONAGEM MACUNAÍMA A
PARTIR DA COSMOVISÃO AMERÍNDIA.

PATU
2019

ISAC NOEL FERNANDES SUASSUNA

**“VIROU GENTE OUTRA FEITA”: UM ESTUDO DO PERSONAGEM MACUNAÍMA A
PARTIR DA COSMOVISÃO AMERÍNDIA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras – DL, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU
2019

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S939v Suassuna, Isac Noel Fernandes
"Virou gente outra feita": Um estudo do personagem
Macunaíma a partir da cosmovisão ameríndia. / Isac Noel
Fernandes Suassuna. - Patu, 2019.
60p.

Orientador(a): Profa. M^a. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Desconstrução. 2. Povos originários.. 3.
Perspectivismo ameríndio.. 4. Macunaíma.. 5. Devir índio..
I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

ISAC NOEL FERNANDES SUASSUNA

“VIROU GENTE OUTRA FEITA”: UM ESTUDO DO PERSONAGEM MACUNAÍMA A PARTIR DA COSMOVISÃO AMERÍNDIA

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras – DL, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Aprovada em 08/10/2019

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof.^a Ma. Fracisca Laila Ribeiro Pinto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Examinadora)

Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Examinadora)

Dedico este trabalho aos que necessitam saciar a sede de conhecimento e visam a construção de um mundo melhor pela constante busca da sabedoria. Dedico, também, aos contadores de histórias, estórias, contos e causos por este sertão brasileiro, como a todos que contribuem para enriquecer o folclore e a nossa cultura brasileira, com suas vivências e trabalhos. Dedico ao povo que promove a cultura popular (creio que a maioria não poderia ler) e aos cantadores e violeiros que nos inspiram a procurar por nossas raízes e origens, como também as rezadeiras e os benzedores espalhados por este vasto Brasil, e que são fontes de tesouro inestimáveis, tanto espirituais como de vida popular. Agradeço a todos os que não foram mencionados (e são muitos), que, de forma direta ou indireta, me auxiliaram e me acompanharam até aqui, e creio que nos perpetuaremos juntos nesta jornada chamada Vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Criador do mundo, e a Tupã, Senhor dos Cariris. Ao Primeiro, por ser Primeiro em tudo e, ao segundo, por ser forte e resistente ao tempo. Agradeço à Vida, esse misterioso fluxo inexplicável, atemporal e que permite experimentar momentos bons e difíceis, e nos instigando à observação e ao aprendizado.

Agradeço à minha mãe, Alba Fernandes Suassuna, por ter me sustentado na vida, mostrando que os laços familiares não são construídos somente por vínculos sanguíneos, e que o amor como adoção supera e rompe muros. Agradeço por ter me educado como pôde e sendo cumpridora dos seus deveres maternos. Ao meu pai, Saulo Suassuna Barreto (*in memoriam*), pois desde a minha mais tenra infância me inspirou contando histórias e histórias, me fazendo refletir e a valorizar as minhas raízes, como a viver bem em harmonia e, também, buscando elevar-me em caráter e em conhecimento. Sinto que onde estiver estará contente com o meu êxito.

Agradeço à Annie Figueiredo, minha estimada orientadora, por toda a paciência, perseverança, apoio, por ser essa pessoa humana e alegre e por me mostrar a importância de não parar diante dos problemas e dos desafios que a vida nos impõe. Agradeço por lapidar essa pedra bruta, e me ajudar a aguçar o olhar para os outros planos que a leitura possibilita e como os caminhos que ela permite andar, até ao alçar voo, buscando sempre as alturas.

Agradeço à Alice Suassuna Barreto, esta minha prima, tão querida por mim desde a infância e que sempre me aconselhou, zelou por meu bem e que tanto me auxiliou durante os meus momentos difíceis na vida, como também durante o período do curso, me ensinando que é sempre possível continuar diante das tribulações da vida.

Agradeço ao grupo dos “avoetes” (Thâmara, Aristóteles, Fabrícia, Lorena) que, durante o curso, me ajudaram e, com eles, aprendi muito. Agradeço, especialmente, à Felícia Gomes Pinheiro, minha caríssima colega de curso. Firmamos amizade do curso para além dele: para a vida toda. Mesmo discutindo e brigando às vezes (risos), nunca me deixou de lado, sempre me deu apoio, força, ajudou como pôde e se faz presente nos momentos de dificuldade.

Agradeço aos irmãos Brenda e Brendo de Freitas, amigos desde a minha infância, pois sem a presença física, o apoio, a descontração, o riso e a força acolhedora destes, creem que seria difícil a edificação deste trabalho. Deste modo, me mostraram, cada dia mais, por meio do valor da amizade e do companheirismo que, juntos, somos mais fortes e podemos vencer os obstáculos.

Os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles

mesmos

Davi Kopenawa, líder dos Yanomami

RESUMO

Este trabalho visa compreender como se deu a desconstrução do devir-índio do personagem Macunaíma durante a narrativa. A partir de uma leitura do livro de Mário de Andrade, *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter*, publicado em 1928, analisamos por meio dele um conteúdo cultural de origem nativo brasileiro, por este viés, vemos atualmente que o povo nativo ameríndio vive em uma situação quase igual ao que ocorreu no passado, havendo sempre exploração, exclusão, desapropriação de território e até mesmo do ser, da identidade originária, no entanto iremos analisar a forma que se degradou a cultura indígena no país por meio das influências europeias que, após muito combate, erradicou quase por completo o que tínhamos de original e cultural dos nossos nativos: usaram tanto no quesito religiosidade (projeto de catequização da Contrarreforma), como por guerras e massacres a determinadas nações, visando instaurar os seus costumes, as crenças, a autoridade e impor a religião, saciando a ambição e a ganância pelas riquezas encontradas no Brasil. Assim, objetivamos compreender a forma com que o personagem Macunaíma, perdeu seu devir-índio e, comparando com a realidade, através dos conceitos de perspectivismo elencado por Viveiros (2015), observando o uso da linguagem como veículo de engajamento do personagem no ambiente “civilizado” trazido pelo autor Gomes (1986), bem como esmiuçando o conteúdo da obra de forma crítica do personagem e o modo como foi criada a obra por Mário através de uma ótica rica em conceitos e símbolos. Pela autora Melo e Souza (2003) vemos como a nação dos povos de linhagem originária brasileira se degradou. Portanto, para a construção das análises, observamos a partir do diálogo entre a literatura e a antropologia sobre a cultura das etnias brasileiras, procurando comparar seus respectivos encontros situacionais entre ficção e realidade, bem como as dualidades e as disparidades entre a natureza e a cultura, o homem e o espírito, o virtual e o real, o homem “civilizado” e o “selvagem”, fazendo uso do método indutivo/dedutivo e, também, buscando analisar e agregar conhecimentos oriundos da linhagem matriz brasileira. Diante desses olhares, vemos que o povo brasileiro necessita de reparar, buscar, preservar e perpetuar esses saberes escamoteados por outras influências culturais e etnias.

PALAVRAS-CHAVE: Desconstrução. Povos originários. Perspectivismo ameríndio. Macunaíma. Devir-índio.

ABSTRACT

This work aims to understand how the deconstruction of the be-índio of Macunaíma's character during the narrative occurred. From the reading of Mário de Andrade's book, "Macunaíma, a hero without any character", published in 1928, we analyze through it a cultural content of native Brazilian origin. From this bias, we now see that the native Amerindian people live in a situation almost similar to what happened in the past, with always exploitation, exclusion, expropriation of territory and even of being, of the original identity. However, we will analyze the way the indigenous culture in the country has been degraded through European influences that, after much fighting, almost completely eradicated what we had of original and cultural from our natives: they used both in terms of religiosity (project of catechizing the Counter-Reformation) as well as wars and massacres to certain nations, aiming to establish their customs, beliefs, authority and imposing religion, satiating their ambition and greed for the riches found in Brazil. Thus, we aim to understand the way in which the character Macunaíma, lost its becoming-indio and, comparing with reality, through the concepts of perspectivism listed by Viveiros (2015) and observing the use of language as a vehicle for character's engagement in the "civilized" environment brought by author Gomes (1986), and scrutinizing the content of the work, critically of the character and the way in which the work was created by Mário through an optics rich in concepts and symbols by author Melo and Souza (2003) we see how the nation of peoples of Brazilian origin have been degraded. Therefore, for the construction of the analyzes we observed from the dialogue between literature and anthropology about the culture of Brazilian ethnic groups, trying to compare their respective situational encounters between fiction and reality, as well as the dualities and disparities between nature and culture, man and spirit, virtual and real, "civilized" and "wild" man, using the inductive / deductive method and seeking to analyze and aggregate knowledge from the Brazilian mother lineage. Given these views we see that the Brazilian people need to repair, seek, preserve and perpetuate this knowledge stolen by other cultural and ethnicities influences.

KEYWORDS: Desconstruction. Native peoples. Amerindian perspectivism. *Macunaíma*. Be-indian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – “PARA ENTENDER O CANTO DO UIRAPURU”: MACUNAÍMA NOS ENSINA A EXPERIMENTAR O MUNDO.....	15
1.1 Macunaíma à luz do perspectivismo ameríndio	15
1.2 Transformação antropofágica e adaptação do “herói sem nenhum caráter”	24
CAPÍTULO II – “TIMBÓ JÁ FOI GENTE QUE NEM NÓS”: MACUNAÍMA E A INTERPRETAÇÃO DO OUTRO	33
2.1 Macunaíma e a transformação de si como embate cultural.....	33
2.2 “É o pai do mutum”: a jornada de (des)apropriações ameríndias de Macunaíma.	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Entre o mundo da literatura e a abrangência do folclore brasileiro, surge um nome que soa forte como trovado rompendo o tempo: *Macunaíma!* [*Makunaima*]. Este personagem da mitologia brasileira foi utilizado pelo escritor modernista Mário de Andrade, no livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (2016), como sendo uma personificação da identidade nacional diante de seus conflitos, valores, bem como da abstinência destes. Possuindo uma moral dúbia, nem bem e nem mal, a ingenuidade e as trapaças, um vazio, como uma tela em branco denotando que o Brasil não possui uma identidade definida, este personagem ignoto é cheio de ideias e conteúdos históricos.

O livro de *Macunaíma* foi escrito em 1926, porém, só foi lançado em 1928. Esta obra andradeana se caracteriza como um aglomerado de problematizações da natureza cultural e folclórica brasileira. O seu conteúdo vem de todos os rincões do país, de Norte a Sul, trazendo desde lendas atemporais, a partir do cancionário popular.

Nessa perspectiva, um problema bem notório é a forma como nominam as coisas: o termo “índio” provém da relação dos navegantes e comerciantes da Europa negociar na região da Índia. Perdendo-se das rotas, por descuido, aportaram no Brasil no ano de 1500, encontrando no país os nossos nativos. Confundindo-se com os habitantes da Índia colocaram neles a alcunha de “índios”, porém, o termo mais correto para definir os povos originários do Brasil é: primeiras nações, nativos das Américas ou ameríndios. Embora todas as designações passem por construções eurocêntricas, alguns termos são mais problemáticos que outros. Tais termos são elencados através dos estudos sobre a literatura nativa que se principiou no século XIX, propriamente nos anos 80, através de processos para defender os povos em minorias, que não só se deteve aos livros, mas á documentários e filmes, segundo Figueiredo(2018), Por isso temos o costume (advindo do europeu) de chamar os nativos de índios. Em menção a esse termo ter sido instaurado no arcabouço linguístico popular e por ter sido enraizado na nossa língua materna (marcada sobretudo pelo português), devemos buscar conhecer mais desse universo que é a cultura e natureza dos povos ameríndios do

nosso país.

Partindo do exposto, veremos que os povos nativos não são bem vistos em nossas terras brasileiras. Desde a colonização, os subjugarão, rechaçaram e os mataram em busca de riquezas encontradas no país, como o caso de nossa flora: o pau-brasil. Este produto foi a primeira matéria-prima explorada pelos que no Brasil aportaram onde antes tinha em abundância e se tornou quase extinto em quase um século. Além do mais, houve também as delimitações de terras em doações de sesmarias, visando extrair da terra os metais e pedras preciosas, tudo com a utilização de mão de obra escrava – no caso, os nativos.

Em virtude do olhar sobre a desconstrução do personagem que representa a sociedade brasileira, vemos a situação preocupante dos nossos nativos ameríndios que há muito tempo vem perdendo as suas origens e as raízes sob a influência de outras culturas e etnias ditas “superiores”, especialmente as descendentes da Europa. Desde o período da chegada do homem branco às terras da América do Sul que os nossos habitantes primeiros sofrem todos os tipos de atrocidades, desde o primeiro contágio de doenças, bem como a exclusão, o preconceito, a escravidão e a destruição de suas terras, as origens, as histórias e tudo o que lhes era característico. Assim, os nossos nativos perderam muito em todos os sentidos, com amplitude.

Mediante estas considerações, o presente trabalho elenca um levantamento necessário: investigar como o personagem Macunaíma faz referência ao devir-índio e a desconstrução étnica brasileira. Mediante isso, analisaremos a saga do herói durante alguns episódios e a forma com que ele vai se desconstruindo ao longo do percurso. Diante dessa desconstrução que o personagem do romance andradino sofre, nos perguntamos: de que modo o personagem Macunaíma entregou-se ao declínio do seu ser nativo, da sua natureza, as não aplicações de sua cultura e dos costumes? De que forma essa desconstrução pode ser analisada com certa atenção ao que se refere ao social pelo viés da literatura e da antropologia?

Isso posta, analisaremos, com base na narrativa de Mário de Andrade, como o personagem Macunaíma sofre essa desconstrução por parte da sociedade e como ele ora se esvazia de si e, em outros momentos, preenche a lacuna com outras variações

culturais e perde a sua natureza originária, analisado pelo viés antropológico de Viveiros (2015). Além disso, veremos também a forma como esse processo de desapropriações reflete na sociedade brasileira, do modo que perpassa da ficção para a realidade tendo em vista a observação e construção da obra de Mário de Andrade apresentada por Melo e Souza (2003), isto é, em como os povos ameríndios são bombardeados a esse impacto cultural, em que um dos meios é a linguagem e o discurso que muitas vezes não possui verdade, trazido por Gomes (1986) e, ainda, compreender de que modo isso pode ser revertido.

Deste modo, abordaremos no primeiro capítulo a forma que o personagem vê o mundo e compreende o seu significado, como ele se porta diante disso e os riscos, erros e acertos mediante sua vivência na sociedade civilizada da grande São Paulo. No primeiro tópico, trataremos do perspectivismo ameríndio: a forma como o nativo compreende o mundo externo e o interno, em contraponto com a visão europeia enraizada desde a colonização. No segundo tópico abordaremos, por um horizonte antropofágico, a forma como Macunaíma reage à sociedade, adere aos costumes e as vivências da sociedade paulista e, por fim, se modifica diante de todo o sistema capitalista de influência europeia.

No segundo capítulo vamos analisar como a personagem compreende o outro comparando a si mesmo, como isso o confunde e como soluciona esses questionamentos. Diante disso, no primeiro tópico observaremos como o herói é atingido por esse choque cultural e o modo como ele adere à essas situações. Já no segundo tópico, analisaremos o resultado final da jornada da personagem na sociedade civilizada e o modo como abandona a si mesmo no que concerne ao devir-índio, bem como se adapta ao sistema, se recompõe e se reconstrói com os conhecimentos adquiridos com a população influenciada pelos países estrangeiros.

Assim, comparando a situação vivida pelo personagem Macunaíma na obra de Mário de Andrade com o sistema vigente, em que o capitalismo suplanta a humanidade e a comunhão dos seres humanos e a natureza por um viés literário-antropológico e social, tudo é desconstruído pela ação do homem branco, que não pensa no modo de conservação ambiental, social e moral, visando somente lucros sem observar o estrago

cometido. Sob este viés, analisaremos a forma com que a desconstrução cultural de nossa etnia ameríndia ocorreu no que se refere aos âmbitos: social, filosófico, religioso e cosmovisional. Tendo por base o nosso personagem da narrativa andradina, estudaremos, por meio de Macunaíma, muitos saberes culturais e credences com que ele aprendera e utilizara em determinados episódios da narrativa, isso posto, compreendemos como essa riqueza natural se contrapõe a prosperidade de conhecimentos étnicos das raízes nativas do nosso Brasil.

Por meio desta análise, vemos como existe uma imposição dos costumes e das tradições advindos dos países estrangeiros e, por vezes, uma aceitação do povo brasileiro, especificamente os nativos. Deste modo, observaremos o impacto que isso causa na sociedade e como o personagem reage a essas influências, e o quanto isso é prejudicial e destrutivos para muitas etnias e nações ameríndias. Além do mais, convém denotar que este trabalho tem por fundamento e se estrutura na análise da desconstrução do ser índio do personagem *Macunaíma*. Tendo como espelho para a sociedade dos nativos brasileiros, foi utilizado como embasamento central para a pesquisa o estudo *Metafísicas canibais*, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2015). Para possibilitar uma construção com um olhar mais centrado possível na figura social do homem, foi agregado, ainda, conhecimentos fundamentais da obra de Gomes (1986), *Crítica da Razão Tupiniquim*, de forma a absorver e analisar o melhor dos ideais visionais de mundo, e em *O tupi e o alaúde*, de Gilda Mello e Souza (1979), de onde podemos analisar os personagens por uma ótica mais esclarecedora.

CAPÍTULO I – “PARA ENTENDER O CANTO DO UIRAPURU”: MACUNAÍMA NOS ENSINA A EXPERIMENTAR O MUNDO

1.1 Macunaíma à luz do perspectivismo ameríndio

Sobre a literatura de Mario de Andrade e a fase do Modernismo podemos ver uma procura dos ideais heroicos no Brasil. Nesse contexto, Mário ruma caminhos diferentes, rompendo com o passado e buscando uma identidade brasileira por meio dos seus escritos literário. A partir dos anos 70/80, deu-se início movimentos que estudavam os povos ameríndios, e tinham como objetivo defender esses povos que representavam minorias. É uma temática que necessita de estudos, tendo em vista que a cultura e saberes dos nativos estão se perdendo no tempo e sendo deixados à margem. Assim, está sendo escoados os conhecimentos a respeito desses povos.

Vemos sob um olhar literário e, buscando uma forma de pensar relacionado aos brasileiros, no ensaio de Bosi intitulado (1988) (*Céus, inferno ensaios de crítica literária e ideológica*), vê que existem caminhos se cruzando em determinados momentos da narrativa de Mário de Andrade, referente ao ser homem selvagem, ora com ares de modernidade e, em outros momentos, como presença colonial. Essa amplitude traz por si só uma forma de indeterminação do personagem Macunaíma.

Partindo disso, convém discutir sobre o multinaturalismo. Segundo Castro (2015), este é uma linha de pensamento em que existe uma cultura e diversas naturezas entrelaçadas e organizadas, respectivamente, sendo dotados de saberes e costumes em áreas como a medicina por meio das plantas e dos elementos naturais, bem como de crenças e ideologias em que se constitui o mundo, o cosmo e os mistérios relacionados à vida, ao desenvolvimento evolutivo, à morte e à pós-morte. Em suma, as crenças no poder transmutativo dos seres deriva de uma perspectiva mística, metafísica, e a forma como compreendem as coisas no mundo muitas vezes não são compreendidas pela razão ocidental, como podemos identificar no trecho abaixo:

“— Culumi faz isso não, meu neto, Culumi faz isso não”... Vou te igualar o

corpo com o bestunto.

“Então pegou na gamela cheia de caldo envenenado de aipim e jogou a lavagem no piá. Macunaíma afastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O herói deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem taludo. “Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá.” (ANDRADE, 2016, p. 14).

Primeiramente, vamos saber o significado de piá. Piá - s.m. menino de etnia indígena ou mestiço de branco com índio (DICIONÁRIO INFORMAL, 2019). Observando o livro *Macunaíma* (2016), encontramos conceitos referentes ao perspectivismo ameríndio, que, para Castro (2015), é a forma com que o nativo das américas vê, compreende e se associa ao mundo e suas variedades de seres e formas de vida, fomentado em união harmônica. Assim, diverge do modo de ver do europeu, no qual existe a separação de categorias, como: divino/humano, homem/animal, ser vivo/inanimado, corporal/espiritual e muitos outros aspectos dicotômicos. Vemos, portanto, que o personagem Macunaíma, durante a narrativa, se modifica e se transforma fisicamente. O personagem Macunaíma acaba sendo interpretado como uma personificação do povo brasileiro em suas múltiplas metamorfoses e junções, especificamente a ameríndia, em que vemos essa vertente como principal influência do herói dentro da narrativa e fora dela. Por este modo, Carlos Reis (2017) em seu estudo *Para uma teoria da figuração. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento*, para compreendermos a ideia de refiguração em Macunaíma, nos diz:

mas também novas vidas ou sobrevidas; essas sobrevidas prolongam a existência da personagem para além do romance em que primeiro habitou e dependem de uma fenomenologia da recepção e de atitudes cognitivas que fazem dela uma entidade dinâmica e suscetível de refiguração. (REIS, 2017, p. 130)

Vemos que o personagem se desloca para além do livro, podendo existir em filmes ou em outros formatos, e inclusive enquanto paradigma identitário do Brasil. Por esse, modo cria-se vida e torna-se um ser em movimento, capaz de pensar e agir com sobrevida além das páginas. É diante desta ideia que analisaremos Macunaíma como

um ser em movimento fora das páginas literárias e atuante na sociedade; é um caminho de entrada no “herói sem nenhum caráter”. Reis (2017, p. 132) nos diz que: “[...] o princípio da abertura, que implica uma construção do texto como sintagma fluido, permitindo avanços recuos e trajetos da leitura diferenciados; o princípio da pluralidade”. Como vemos, mediante uma gama de formas de construção do texto narrativo, é por essa perspectiva que vemos Macunaíma enquanto um ser em movimento, num texto de aspectos variados e de difícil apreensão.

Mediante toda a sorte das situações, desde o auxílio de outros personagens à presença do insólito ficcional, tudo sendo um aparato da cultura popular como um todo, tornando evidente a relevância da cultura nativa na formação do povo brasileiro. Vemos a influência forte dos mitos e ideologias dos povos originários, em que floresce a facilidade de encantamentos e transformações metamórficas, uma vez que o real (físico/realidade) se entrelaça ao irreal (virtual/mental).

Diante das múltiplas visões de mundo, vemos que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2015, p. 27) relata que “a metafísica ocidental é a *fons et origo* de toda espécie de colonialismo - (intraespecífico), externo (interespecífico), e se pudesse, eterno (intemporal)”. Pela ótica eurocêntrica da metafísica ocidental não é possível compreender determinados movimentos e situações na narrativa andradeana, pois Mário queria justamente desconstruir a supremacia portuguesa (europeia) na formação identitária brasileira. É uma maneira distinta de pensar em como se constitui a existência e o mundo. A ideologia constitutiva nativo-brasileira é notoriamente diferente, pois diverge do modo de ver do europeu, tendo em vista que há divisões de categorias dicotômicas. Este foi um dos pontos chave para a desconstrução do imaginário indígena do que se referia ao mundo. Em uma visão divergente da ameríndia, existe uma classificação amplamente difundida, em que cada ser é o que realmente é e não é possuidor de espiritualidade, e, sim, somente uma forma objetivada de ser.

Por este modo, o europeu, muitas vezes, possuiu uma visão negativista em relação ao povo ameríndio. Bosi (1988) retrata bem isso em seus escritos, *Situações de Macunaíma*, trazendo a perspectiva na qual a civilização mais arguta reconhece a divergência entre impérios, notam a diferença folclórica e veem os ritos como

desenlaces do pensamento selvagem e primitivista.

O personagem principal da narrativa, em determinado momento, ao chegar a São Paulo, sente a necessidade de refletir para saber o que o constitui. Nesse sentido, somos Macunaímas, pois desconhecemos e precisamos nos reconectar com determinadas ancestralidades para nos compreendermos de fato, para aceitarmos nosso multinaturalismo, que diverge do multiculturalismo, pois o último compreende a vida enquanto uma unidade de alma em diversos corpos e, a outra, compreende uma unidade de um grande corpo e diversas almas sobre a perspectiva sobre natureza (e relação eu-outro em relação aos ambientes no qual nos inserimos, como podemos identificar no seguinte trecho: “Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a máquina. A Máquina era que matava os homens, porém os homens é que mandavam na Máquina...”. (ANDRADE, 2006, p. 30-31). Notamos um contraponto, entre os dois objetos de naturezas diferentes e de influência nativa brasileira e europeia. A mandioca é originária do povo tupi e vem de uma lenda na qual uma pequena índia que morrera no seu grupo, após se enterrar no centro de uma oca, em que morava a família, surgiu uma planta na qual a raiz serve para sustento e ritos festivos.

Desse modo, Macunaíma associa o povo paulista como o “os filhos da mandioca”, devido a cor de pele ser branca. O outro ponto é algo puramente europeu, “a máquina”, até então desconhecido para os ameríndios. O personagem não compreende bem a funcionalidade e o uso, portanto, sua reflexão é confusa em relação ao que vê e onde se situa em um ambiente diferente do qual vivia. E por meio da máquina, em referência a industrialização exacerbada que passa a controlar os homens, vemos o desvio de situação em que o criador se torna submisso a sua criação. Enquanto a mandioca representa a natureza e sua força criativa para fazer o corpo executar, de maneira mais equilibrada, suas atividades cotidianas.

Macunaíma percebe que, ao medir forças entre o homem e a máquina, a última possui esforços descomunais e, por aparência, as máquinas são inteligentes. Para constatar tal afirmação podemos observar a passagem a seguir: “Macunaíma concluiu: – Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há

empate. (ANDRADE, 2006, p. 31). Existe esse empate pois há uma associação entre o homem e a máquina, um é o criador e o outro é a criação, um controla (homem) e o outro se adequa aos comandos (máquina), embora em determinados momentos seja invertida essa relação.

Sobre esse acontecimento, Martoni (2006) salienta que o “ser” máquina para determinado povo região amazônica era uma questão de pertencimento a uma universalidade em que não são regidos por uma causa, ou força natural, mas, sim, por uma personificação da “máquina como uma deusa”. Os filhos da mandioca é o povo de cor branca, no caso, os paulistas. Nota-se que é um movimento contínuo entre o homem e seus maquinários utilizados, pois o personagem percebe que tanto os homens como as máquinas trabalham de formas iguais, embora certos acontecimentos denotem força maior de cada lado (homem *versus* máquina). Ao observar, se depara com um empate nessa “guerra”, em que se estabiliza a força física e inteligente, tudo isso visto pela perspectiva ameríndia.

“De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens” (ANDRADE, 2006, p. 31). Vemos um ponto reflexivo do personagem, (sendo ele uma representação de toda a nação nativa) através de uma visão oriunda dos povos primeiros do nosso país. Buscar compreender as coisas do mundo de forma a enxergar pela ótica do movimento e a utilidade, como também a praticidade e a inteligência, uma vez que máquinas operam tarefas em que os humanos se empenham, veem uma coerção do homem, este se torna máquina, e as máquinas se humanizam, por meio da troca mútua.

Essa visão é típica do sacerdote ameríndio, ou xamã, que é o curandeiro, médico e feiticeiro dos povos nativas das Américas. É como um guerreiro do mundo intangível. Do outro lado do espelho, assemelha-se ao guerreiro real, o xamã visa livrar, bloquear ou apaziguar seu povo de malefícios trazidos por forças oriundas de outros mundos (virtual) que afetam a realidade, ou como também, provocar tais malefícios, variando a vontade do pajé, ou o ponto de vista de “justiça” do mesmo. Funciona como algo não de forma hierárquica, mas, uma questão de acordo entre os seres físicos e imateriais. Macunaíma é possuidor do poder xamânico de transmutar-se ou transformar objetos ao

seu redor, visando, em alguns casos, provocar ou defender-se:

Os puxirões goravam sempre porque Jiguê passava o dia dormindoe Maanape bebendo café. O herói teve raiva. Pegou numa colher, virou-a num bichinho e falou: — Agora você fica sovertida no pó de café. Quando mano Maanape vier beber, morda a língua dele! (ANDRADE, 2006, p. 36)

Notamos uma linguagem escrita de forma coloquial com a presença da oralidade, da linguagem falada, como também um aglomerado de gírias dos quatro cantos do país, inclusive de origem nativa, além dos neologismos. No que tange ao herói, há um uso irônico, ridiculariza os moldes de vida da época, haja vista q não traz os arquétipos clássicos de um herói como é conhecido, sendo invencível, honrado com seus compromissos, salvador da nação. Pelo contrário, o personagem, sendo preguiçoso e cheio de malícias, se configura como uma forma de humanizar o personagem, desconstruindo os valores sociais dos que viviam moldados à religião judaico-cristã.

Relacionado a esse fato, o autor Reis (2017) relata essa mudança fenomênica e a simultaneidade em que o autor coloca o personagem como humanizado pelos seus atos, como, também, falta de atitudes por esta forma o personagem é vivificado e tem significância no mundo exterior (realidade), vejamos:

[...] o princípio da simultaneidade de tempos e espaço, fazendo conviver o passado e o presente, o presente e o ausente; o princípio da ativação lúdica, pelo culto de uma atitude que vacila entre o divertimento e o conhecimento, o risco e a segurança, a certeza e a incerteza, a ficção e o real. (REIS, 2017, p. 132)

Por esta ótica, vemos o motivo pelo qual ocorrem muitos fenômenos variáveis na narrativa com o personagem Macunaíma. Esse jogo que o autor se refere no trecho é reflexo desse princípio, em que ele passeia entre os dois fios dicotômicos situacionais em que a natureza e a cultura brincam. Notamos que em certos momentos os trechos apresentam um caminho semelhante as narrativas fantásticas e a construção do tempo e do espaço não seguem um caminho linear, o personagem Macunaíma por exemplo,

está em São Paulo, cavalga rumo á Manaus, e aparece em seguida na Argentina.

Viveiros de Castro (2015) diz que a etnografia ameríndia é rica em características. Por meio da teoria cosmopolítica, que é uma análise entre natureza e cultura, o autor compreende que a natureza seria externa ao homem (ambiente, clima), e o cultural, o interno (saberes, crenças, costumes), visando uma melhoria nos dois polos norteadores dessa teoria. Vemos entrelaçados a subjetividade dos agentes, todos os seres reais, humanos e inumanos possuem eminentemente uma alma. Tanto homens, animais, deuses, possuem essa energia extra-sensorial captada pelos sentidos naturais, formando, assim, um mesmo conjunto de elementos particulares e semelhantes, em que os animais são seres que possuem alma e uma estruturação bifacial ontologicamente falando, ou seja, possuem uma forma e outra interior, em relação ao que é material e extra físico no que tange ao estudo da natureza.

Notoriamente, tudo se configura no mesmo padrão (corpo/alma) e isso possibilita o personagem Macunaíma a conviver com animais e seres fantasiosos, não somente conviver, mas, também, dialogar e compreendê-los. É através destes mecanismos espirituais que se dá a interação dos seres na narrativa, é crença da maioria dos povos indígenas do Brasil, a ideia de que todos são vivos e possuem alma:

Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem. (ANDRADE, 2006, p. 17-18)

Ao se relacionar com a mãe do mato, Macunaíma se torna o rei do mato virgem. Vemos como exemplo essas aplicações de ideias de fora, europeizada aos povos que tinham suas próprias estruturas políticas e sociais, como já mencionado a cosmopolítica, que envolve a construção, o elo entre homem e natureza. As aves magicamente se tornam seus súditos, notamos mais uma exemplificação do que o autor Mário aborda, constitui uma percepção eurocêntrica e antropocêntrica neste trecho, como se o homem fosse o centro e as demais coisas que o cercam ficassem sobre seu domínio, essa linha de raciocínio é originária das outras culturas. Para os povos originários do Brasil, a relação não se dá de forma tão hierárquica, não se acham o rei

da natureza e dos elementos que a constituem, mas, sim, uma forma harmoniosa na qual tudo é equidade e respeito, o personagem na narrativa diz muitas vezes que animais já foram gente um dia. Por essa ótica é que, em certos casos, se estabelece uma relação de partilha misteriosa entre homens e animais. É misteriosa porque não compreendemos, pois a razão ocidental não possibilita.

Em outra ocasião, vemos o relato do nascimento do herói e, ao analisar em comparação a outras literaturas, a distorção irônica feita por Mário de Andrade, vejamos: “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite.” (ANDRADE, 2016, p. 7). Isso lembra as descrições de José de Alencar feita em seus romances indianistas, no livro de Iracema. Alencar retrata, no início do livro, citando a Mata Virgem, o local em que nasceu a personagem anagrama de América. Já o autor modernista Mário de Andrade, em sua obra, principia com uma modificação: “mato-virgem”. Com isso, vemos a forma como muitas vezes parodia/carnavaliza determinados elementos desde o Romantismo e sua tentativa de construir uma identidade nacional.

Mário constrói Macunaíma, segundo Bosi (1988), em certos episódios mencionados, com um teor cômico e um tanto infantil, que foge da realidade madura da fase adulta e, assim, ao conquistar de forma engenhosa a Icamiba, Macunaíma adquire o cargo hierárquico de Imperador do Mato-Virgem, pois a situação vivenciada por ele e a personagem Ci (Mãe do Mato), provocou um alvoroço, e tendo em vista ter essa conexão cosmológica de humano e não humano, o personagem adquire o respeito das aves.

Dessa forma, Viveiros de Castro (2015) mostra que da mesma maneira como o animal em seu grupo se torna humano e nos vemos como animais ou predadores ou ainda espíritos, do mesmo modo ocorre com os espíritos, nos enxergam como animais predadores ou outras formas etéreas espirituais. Isso tudo não delimita uma simples visão ou um pensamento, a sua plumagem ou pelagem (variando de espécie) se tornam antropomorficamente como algo utilizável pelos humanos, como roupas, alimentos comparativos como os nossos. Tudo isso é questão de agrupamentos, é variável, depende da percepção e lugar que ocupam. Entendemos que é costume os

nativos utilizarem penas, plumas e uma gama enorme de corantes naturais extraídos da natureza, para suas vestimentas, não somente por questões estéticas e visuais, mas, por distinção de nação para nação, ou por identificação de tarefas e outras funções.

Notoriamente, as culturas indígenas são perpetuadas através da oralidade, não possuindo registros oficiais escritos em cartórios. Disso, há as lacunas e fragilidades em se retomar determinados pontos das culturas ameríndias. Em relação à revelação do animal, dá-se de forma onírica, aparecendo ao xamã, trazendo, assim, uma carga de simbolismo e significância, em que o próprio dono do sonho ou êxtase possui a incumbência e as faculdades necessárias a tais interpretações:

Então ele virou na formiga quenquém e mordeu Iriqui pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquém longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriqui riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê. (ANDRADE, 2006, p. 15)

O nativo está sempre em conexão com a natureza, tanto externa (ambiental) como interna (o ser). Existe uma necessidade humana de se relacionar afetivamente. Para o indígena é algo natural, se contrapondo ao costume europeu, que pelo seu modo de vida acha que o costume dos povos ameríndios é desregramento e com ausência de razão, mas ambos os casos partem da necessidade inata dos homens em representar e se autoconhecerem.

Existem, contudo, baseado no perspectivismo ameríndio, um olhar profundo em que o humano e o não humano possuem em sua essência, ou oculta, um “fundo” em que todos possuem uma humanidade. É por essa ótica que o personagem Macunaíma possui a oportunidade de falar com seres surreais e lendários (em que os nativos amazônicos os tratam por espíritos) como também animais, pois, comungam dessa humanidade abstrata.

Durante a narrativa, ocorrem sempre fenômenos misteriosos e fantásticos, especialmente para nossa perspectiva ocidental, que envolvem o personagem como podemos ver: “Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapuru

agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava.” (ANDRADE, 2006, p. 26). E com tal finalidade, o entendimento das linguagens distintas entre o indígena que se entrecruza com qualquer ser da floresta, pois nas entrelinhas da metafísica canibal, o que permite essa relação está no oculto, no interior de todas as coisas. Desse modo, o personagem compreende e dialoga de muitas formas com tudo o que existe na natureza e no cosmo.

Essa cosmovisão nativa é algo bem divergente da nossa visão europeizada, embora na atualidade estejam se propagando uma gama enorme de outras visões sobre o mundo, como, por exemplo, as do que se denominou “oriente”, tanto filosofias, como pontos de vista. A indígena possui um caráter espelhado; se nós humanos nos vemos como humanos e não como os animais, os animais se veem tão humanos quanto nós, da mesma forma os espíritos se veem como humanos. Tudo isso ocorre por meio do pano de fundo que todo ser existente possui, como estuda Viveiros de Castro (2015). Pelo olhar de Basso (2013), a autora nos relata uma diferença peculiar de concepção de mundo, pois traz a distinção do nascimento e relação de sujeito e afirma que, para certos povos ameríndios, quando a criança nasce, é observado se já possui alma, se não tem aparência animalesca. Então, utilizam de tintas e grafismos para identificação do sujeito. Já pela perspectiva europeia, dão-lhe o nome que já possui antes mesmo de nascer, aquilo que o distingue (status social dos pais). É por este modo que aprendemos como o personagem da obra de Mário, a ver o mundo por outros horizontes, uma forma mais harmônica, menos hierárquica e social. Partindo do exposto, convém adentrar nas discussões acerca do processo de transformação de Macunaíma.

1.2 Transformação antropofágica e adaptação do “herói sem nenhum caráter”

Em determinada linha de raciocínio existe uma ideia de que o outro é um espelho e refere-se a nós mesmos. Dessa forma, erroneamente: o outro ameríndio é tão somente um espelho do europeu. Mas, o que nos iguala é inter-humano, a nossa

relação com o outro acontece de várias maneiras: partilha de uma comunicação transversal cosmológica e mais complexa que o reflexo do mesmo no outro, pois é um entrecruzamento de ideias e de concepções cosmológicas. Conhecidamente o europeu viu os povos indígenas como um objeto de análise, aumentando o seu ego colonialista, influenciando o nativo na desconstrução étnica para introduzir a cultura europeia, deixando-o em segundo plano como uma sub-raça.

Vemos a influência do europeu devastando tudo o que é próprio dos nossos nativos, desde o tal “descobrimento”. Na obra de Oswald de Andrade (1928), *manifesto antropófago*, o homem branco destrói a cultura, costume, terras, o nativo deglutiou o homem, visando adquirir sua força, ou com um teor mais poético, o nativo necessita ingerir a cultura do outro, para se tornar forte diante da situação em que vive de desrespeito, injustiça e sendo margem da sociedade, não é diferente. Desde a chegada do homem branco e europeu em terras brasileiras, no período do “descobrimento”, que os nativos das Américas sofrem com esse choque cultural. Primeiro, alastrou-se as doenças e dizimou uma grande parte de povos habitantes do território, sofreram ainda por imposição do poder europeu que visava escravização dos indígenas para extrair recursos naturais como madeira e o ouro.

Os ameríndios sofreram perdas irreparáveis desde que o Brasil se tornou um ambiente europeizado, tanto no que concerne ao seu território como à cultura e ao costume. No que se refere à natureza (física), o ambiente em que viviam sofreu mudanças graves, como a fauna e flora, o ecossistema por inteiro e, de forma cultural como os saberes, as crenças, os mitos e as demais ideologias originárias de cada povo foram transmutadas, passaram de crenças raízes e viraram mais uma vertente do sistema europeu. Configurando essas questões no campo literário, o autor Bosi (1988), no seu escrito *Situação de Macunaíma*, traz um contexto histórico no qual relata que existia, na época, um estilo de narrar radicalizado no estilo europeu. Era perceptível a busca pela influência internacional, em que valorizavam os saberes e as formas vindo especialmente da França.

As maneiras de ver o mundo e compreendê-lo dos povos originários abalaram o conhecimento dos europeus, quem em tudo possuíam medo e empunham o temor

como artimanha para conquistar o que queriam. Sempre houve, por parte do europeu, uma busca maior pela compreensão do povo exótico das américas à luz de sua cultura. Dessa maneira, não buscaram interpretar o outro de fato. Por isso, muito se discutia sobre a questão espiritual, se os ameríndios possuíam alma ou não, vejamos como Viveiros de Castro (2015) retrata isso:

Funções semióticas inversas atribuídas ao corpo e a alma. Para os espanhóis do incidente das Antilhas, a dimensão marcada era a alma; para os índios, era o corpo. Por outras palavras, os europeus nunca duvidaram de que os índios tivessem corpo (os animais também as têm); os índios nunca duvidaram de que os europeus tivessem alma (os animais e os espectros dos mortos também as têm). (VIVEIROS, 2015, p. 37)

Desde a colonização os índios eram vistos de forma totalmente inferior, pela crença europeia de que tais povos taxados como exóticos não possuíam alma, eram tidos igualmente aos animais, possuindo apenas corpo. Porém, sem o tônus sagrado, o espírito, já na visão de mundo nativa americana, todos os seres e elementos naturais de certa forma possuíam alma, o ameríndio foi perdendo, de forma brusca, suas crenças e saberes em virtude da imposição dos conceitos eurocêntricos, como podemos aprofundar com o seguinte trecho:

A *práxis* europeia consiste em “fazer almas” (e diferenciar culturas) a partir de um fundo corporal-material dado (a natureza); a *práxis* indígena, em “fazer corpos” (e diferenciar espécies) a partir de um *continuum* sócio espiritual dado “desde sempre”. (VIVEIROS, 2015, p. 38)

A europeização arrasou a cultura dos povos indígenas no período da colonização, desclassificando suas estirpes e maneiras de viver. Através da religião cristã, apregoada de forma forçosa e obrigatória por meio do medo, narrando histórias sobre penas, inferno, culpa e purgatório, visando uma conversão forçada (que pela visão jesuíta era o correto e justo). Dessa forma, não puseram a atenção no conhecimento cultural, histórico dos povos, deixando esses parâmetros quase que sem valor nenhum, visando erradicar os modos de vida, o culto e as crenças dos indígenas.

Os povos originários possuíam, e ainda possuem, formas de culto próprios, com suas crenças politeístas e suas formas de culto distintas, em que um homem se destaca na nação por possuir maior sabedoria e afinidade com seus deuses e espíritos, tanto das florestas, quanto nos antepassados, com narrativas míticas do passado que são verdades para esses povos, e vemos como o tempo moderno é frágil, incerto e vemos como tais saberes se diluem e se esvaem na atualidade, este sujeito denomina-se xamã, ou no Brasil, pajé.

Essas noções estão em *Macunaíma*, uma vez que tanto o personagem analisado quanto seus irmãos possuem dons espirituais e são sabedores de artes mágicas, são potencialmente xamãs, como segue no trecho: “Então pegando num cabeceiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou: — Agora você fica sovertida na maqueira. Quando mano Jiguê vier dormir, chupe o sangue dele!” (ANDRADE, 2016, p. 36). Sendo assim, é que o personagem com atributos xamânicos da nossa narrativa consegue modificar-se em objetos ou seres como insetos e também modificar formas de objetos em outros, pela intencionalidade da ação e através de ritos mágicos, isso depende muito da crença depositada pelo leitor.

Na perspectiva xamânica, existem ritos específicos para todas as tribos, variando de povos, crenças e concepções de mundo, no qual dá relevância a tudo o que existe, material e imaterial, humano e inumano, seres vivos e inertes. Tudo está em movimento e é sacro. O rito possui caracteres próprios. Geralmente, os xamãs ou pajés entram em contato com os campos imateriais (espirituais) visando uma comunicação e um contato entre os extremos, em termos de concordância universal, obtendo um equilíbrio entre todos os seres. Buscam, ainda, conhecimentos, conselhos e formas de cura por meio da metafísica espiritualista. Macunaíma sente sede de interpretar todas as coisas ao seu redor, distinguindo-se dos europeus e das suas categorizações fechadas, que não busca compreender o outro, mas tão somente atribuir significações da sua cultura às outras.

O personagem utiliza muito em alguns momentos de seus conhecimentos oriundos da credice popular, que é o principal caldeirão cultural de sincretismo, como se lê nesse trecho: “Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda

que se defumou com jurema e alfinetou um raminho de pinhão paraguaio no patriotismo pra evitar quebranto.” (ANDRADE, 2016, p. 37). Observa-se neste trecho da narrativa de Macunaíma, um indício de transformação antropofágica do personagem visando obter o que necessita por meio de uma troca de vestimentas e disfarces.

Todavia, Macunaíma não abandona os seus costumes e as crenças, não houve necessidade de transformação natural (física ou sexual), mas, de forma cultural (a mimese do ser feminino europeizado) e não deixa de lado suas crenças e preceitos, utiliza-se de um rito do culto da jurema, tradicional entre algumas etnias específicas do Rio Grande do Norte, potencializando o seu intento e ao mesmo tempo isolando espiritualmente tudo o que for de negativo e prejudicial ao corpo e ao espírito.

Nesse sentido, Castro (2015) nos mostra como paradigma duas principais séries: a “cultura” e a “natureza” em duas perspectivas não mais dicotômicas, mas, sim, ambivalente, sendo objetivas e subjetivas, de cunho universal e particular, corpo e espírito sempre em relação. Sob esse olhar, em oposição à visão ocidental, nota-se que conduz ao multinaturalismo pelo qual esses olhares não se contrastam, tendo em vista que o corpo se interliga pela universalidade objetiva. O espírito fica no campo da subjetividade em termos de significado. Diz ainda que o sujeito se correlaciona com a cultura, portanto, é universal, e o espírito está engendrado com a natureza sendo particular. É uma distinção ao multiculturalismo, trazida pela perspectiva europeia. O herói, em certos momentos da narrativa, menciona a crença de que em algum momento na construção do mundo os animais eram humanizados, foram gente, como vemos a seguir:

— Pois foi aqui mesmo que enxerguei timbó. Timbó já foi gente um dia que nem nós... Presenciou que andavam campeando ele e soverteu. Timbó foi gente um dia que nem nós... Os manos se admiraram da inteligência do menino e voltaram os três pra maloca. (ANDRADE, 2006, p. 12)

Nesse trecho, Macunaíma afirma que os bichos já foram gente que nem os homens e isso ocorre devido a crença do seu povo, como de várias outras nações de nativos brasileiros, por um viés cosmológico em que todas os seres vivos e inanimados

possuem uma essência. Como aborda Viveiros de Castro (2015), a partir de suas vivências diretas com os indígenas, o perspectivismo ameríndio traz a ideia de que cada ser é um centro de consciência, o animal em seu modo é humano e nos enxerga como animais. Nós nos vemos apenas como humanos e os animais como animais. Para os nativos, essa ideia é diferente, o raciocínio é outro, todas as coisas são humanas, ou melhor, possuem os mesmos atributos dados a um ser humano.

No outro dia os manos foram pescar e caçar, a velha foi no roçado e Macunaíma ficou só com a companheira de Jiguê. Então ele virou na formiga quenquém e mordeu Iriqui pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquém longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriqui riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê.

O herói andradino se porta diferente do que um pajé real se portaria, enquanto o pajé na realidade possui compromisso com seu trabalho espiritual, zelo pelos costumes, preceitos e respeito com os ritos, o personagem Macunaíma tem atitudes contrárias, ele utiliza do poder de transmutação para persuadir a mulher do seu irmão, mostrando a falta de compromisso com os ritos e a sacralidade, visando saciar seus desejos carnis, vemos no trecho outro ponto interessante, ao se transformar em uma árvore típica que produz frutos para corante, a personagem feminina Iriqui, se pinta e se enfeita, evidenciando um costume ritualístico de beleza, que se contrapõe ao rito sacro espiritual atrelado ao pajé.

Esta colocação mostra-nos uma nova forma de pensar e refletir a respeito de tudo o que existe e nos rodeia. Pensar de forma clara e nos vermos como uma sociedade cosmopolítica é algo que deveríamos agregar a nossa cultura brasileira. Mesmo que possua raízes africanas e europeias, o perspectivismo ameríndio nos tornaria mais respeitadores de todas as nossas matrizes identitárias. Seria de grande valia para causar impacto de como vemos o mundo e como tudo está em transformação e se interliga. Uma consciência distinta precisa nascer, e essa via nos ensina a brincarmos tal qual Macunaíma e a sobreviver a partir das misturas, esquecendo a noção de pureza e superioridade de uns sobre os outros.

Nossa cultura possui bastante influência dos indígenas, mas de maneira quase apagada. Pouco nos detivemos a aprofundar tais relações e *Macunaíma* (2016) ajuda nisso, pois, de maneira complexa e, ao mesmo tempo, humorada, mostra o que concerne a nós brasileiros não se resume a palavras, mas a uma voz dos saberes orais, dos vínculos gastronômicos, dos objetos de uso e histórias. Mas nada como o conhecimento da profundidade ontológica, de procedência filosófica, relacionada ao conhecimento do panteão divino ameríndio, em que as perspectivas se misturassem e difundissem ou pelo menos se unissem as nossas naturezas, mostrando o multinaturalismo de que é feito.

Dois eixos se contrapõem em relação ao xamanismo e ao saber europeu, para Viveiros de Castro (2015), o pajé ou xamã se intercepta em outros campos (imaterial) e passa por um processo de intercâmbio, dialoga com outros seres (espirituais) e denota que é algo perigoso que só quem possui a experiência e os conhecimentos certos podem fazê-lo. Sendo uma espécie de diplomacia, o multiculturalismo sempre traz algo subjetivo como política pública, abrangente, aberto aos demais. Já no conhecimento ameríndio, é retratado em sua perspectiva como uma política cósmica, que necessita de cuidados e precaução nas partilhas.

Tendo em vista que os europeus não compreendiam a sabedoria dos mais velhos indígenas, descartavam a forma de culto dos pajés, por crerem possuir envolvimento com o demônio (visão supremacista cristã). Assim, excluía tais práticas e até mesmo os que executavam tais atos religiosos, tudo isso por falta de uma visão multinatural e respeito às outras culturas, as evitavam. Eram, portanto, excludentes em nome de uma inclusão/salvação. Pregaram uma forma errônea de crenças, de amor e caridade, e destruíam aos poucos costumes e práticas dos povos ameríndios.

A cultura ocidental fabricou uma percepção inerte para compreender as coisas ao redor. A sua cosmovisão era limitada e propunha sempre que tudo era para ser objetificado, de forma resumida, fechada e catalogada; em que tudo era “coisificado” para os desígnios civilizatórios. O personagem Macunaíma encontra essas atribuições europeias ao longo da narrativa, mas carrega sempre a sua cosmovisão adquirida dos povos originários. Para Macunaíma, talvez por isso a atribuição “sem caráter”, todos os

seres possuem força vital e são sempre passíveis de mudanças, como podemos analisar na seguinte passagem: “E todas essas pedras já tinham sido vespas formigas mosquitos carrapatos animais passarinhos gentes e cunhãs e cunhatãs e até as graças das cunhãs e das cunhatãs...” (ANDRADE, 2016, p. 42).

Vemos nesse trecho uma demonstração da crença do herói, como de muitos povo originários, em que todo elemento vivo, inanimado, como animais e pedras, no passado distante, ou melhor, no primórdio dos tempos, já foram humanos e por consequência ou de castigos devido algum ato falho, se transformaram em objetos e seres que são hoje. Contudo, de forma sobrenatural, os seres de algum modo se transmutam em outros, mas isto se adentramos a narrativa com um olhar eurocêntrico. Por outro ângulo, as passagens de um ente a outro exemplifica a perspectiva ameríndia da evolução e da ligação de tudo que habita o mundo. Por essa última noção é que precisamos compreender os seres e as coisas. Devem ser matéria da nossa análise tendo significado vivo e não objetificado, como nos mostra Castro (2015), dizendo que é algo inerente à cultura dos indígenas sentir a necessidade de não objetivar as coisas, de não reificar. Pelo contrário, de tornar tudo o que é existente no mundo físico e para além dele um ente. Dessa forma, a maioria das coisas passam a ser, potencialmente, pessoas, com direitos e deveres. Trazê-las de um campo geral abrangente e reduzi-los a objetos explicados é desrespeitar e fazer o que os colonizadores fizeram. Assim, *Macunaíma* carrega uma singular teoria pós-colonial.

Além disso, o protagonista, ao longo da narrativa, se modifica e é sujeitado a se enquadrar no ambiente civilizado. Este se torna uma fusão de outras culturas e personalidades, ou outros brasis dotado de potência humana e, ainda, mágica, tornando-o adaptável, preparado para viver situações diversas, desde encontros surreais às experiências simples, mesmo na cidade grande, como por exemplo, participar de religiões de outras culturas vinculadas ao nosso país. Este, portanto, se torna um amálgama de várias naturezas e culturas, possuindo um poder de fluência na língua e no discurso:

Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de

nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom. São sempre alvíssimas as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram no brincar, que enumerá-las, aqui, seria fastiando porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de discrição, que em relação de Imperador para súbditas se requer. Que beldades! Que elegância! Que cachet! Que dégage flamífero, ignívomo, devorador!! (ANDRADE, 2016, p. 57)

Macunaíma ganhou nova forma de falar devido o convívio com as pessoas da cidade, de tal forma que, ao relatar essa carta para suas guerreiras icamiabas, mais conhecidas como Amazonas, este se utiliza de recursos eruditos do português, tornando evidente a sua adaptação, inserindo palavras francesas (tão cultuadas pela elite brasileira) e fonemas dessa língua para criar neologismos, sendo essa mistura e criação de palavras um exemplo antropofágico/canibal também. Assim, percebemos que o personagem usa, predominantemente, a linguagem culta padrão não oriunda de suas origens, com um acréscimo de outras culturas, como as europeias. Deste modo, vemos a adaptação (um tanto forçosa) do herói com a “civilização”, refletindo socialmente os povos originários, igualmente seguiram essa mesma rota de adaptar-se ao novo meio. Partindo disso, é oportuno adentrar nas discussões que envolvem Macunaíma e a interpretação do outro.

CAPÍTULO II – “TIMBÓ JÁ FOI GENTE QUE NEM NÓS”: MACUNAÍMA E A INTERPRETAÇÃO DO OUTRO

2.1 Macunaíma e a transformação de si como embate cultural

O personagem de Mário de Andrade, Macunaíma, devido à necessidade de mudar de região após a morte da sua mãe, a velha Tapanhumas, parte para a grande cidade de São Paulo, em busca de sobrevivência juntamente com os seus irmãos. Sofreram com a mudança de costumes e a falta de orientações diante da vasta cidade. Nesse entremeio, Macunaíma, aos poucos, vai perdendo sua essência indígena diante da imposição de apagar a sua imagem, buscando a facilidade de aceitação/adequação na sociedade:

Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. (ANDRADE, 2016, p. 27-28)

Notamos que através desse batismo simbólico o personagem protagonista e os seus irmãos abandonam a sua tonalidade de pele característica de sua estirpe, e tornam-se de origem europeizada. Isso posto, vemos uma ideia eugenista, em que necessita ser de uma determinada a origem para ser aceita e ser “de boa linhagem”. Essa citação se contextualiza na realidade por meio do processo histórico, assim, compreendemos que os indígenas foram e são subjugados na tentativa de aculturá-los desde o período da chegada e da influência dos europeus. Dessa forma, Sergio Buarque de Holanda (1995), o historiador e autor de *Raízes do Brasil*, aborda um trecho que elucida tal acontecimento:

Foram ainda os jesuítas que representaram, melhor de que ninguém, esse princípio da disciplina pela obediência. Mesmo em nossa América do Sul, deixaram disso exemplo memorável com suas reduções e doutrinas. Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura do proletariado ou do Estado totalitário, chegou a sequer a vislumbrar desse prodígio de racionalização que conseguiu os padres da Companhia de Jesus em suas missões. (HOLANDA, 1995, p. 39)

Com esse trecho, podemos notar como ocorreu a evangelização e a repressão dos indígenas pela Companhia de Jesus para catequização. Assim, entendemos que nenhuma forma de ditadura teve tal inteligência, artimanha e cautela como os padres catequistas. Desmembrando a natureza dos povos originários e a cultura dos “selvagens”, visaram tão somente sobrepor os dogmas e a fé cristã, sem mesmo raciocinar e lembrar o valor cultural dos povos originários. A desqualificação das referências indígenas e supervalorização da fé e da cultura portuguesas são marcantes, seja por meio do ensino, do teatro, dos sermões que compuserem o projeto de expansão e da exploração dos Estados-nação da Europa.

Através da passagem simples e misteriosa do protagonista pela fonte, Reis (2017) defende que o perder da sua cor ao se lavar na água encantada principia (de modo intensivo) a transformação de Macunaíma diante das mudanças do seu entorno. Essa adaptação que é aceita por ele de forma passiva, em certas ocasiões, o permite associar-se aos paulistas e lhe traz algumas vantagens. Durante a narrativa, este vai angariando costumes novos e outros trejeitos da sociedade paulistana, mesmo como os choques culturais, como:

Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbom vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecos milréis borós tostão duzentorréis quinhentorréis, cinqüenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobres xenxéns caraminguás selos bicos-de-coruja massuni bolada calcáreo gimbra siridó bicha e pataracos, assim, adonde até liga pra meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaus. Macunaíma ficou muito contrariado. (ANDRADE, 2016, p. 28-29)

Nesse trecho vemos que há o contraponto entre o valor do cacau (natureza) e dinheiro (cultura). Nota-se que até a forma de adquirir mantimentos e sobreviver eram

diferentes do seu usual, pois teve que lidar com o dinheiro, bem como aprender as noções de negociações mercantis e as mudanças de linguagens e dialetos para conseguir se engajar melhor no meio social da cidade grande. Isso custou tempo para que o personagem se adaptasse ao sistema construído pelo homem branco.

O herói da narrativa se embaraça diante da sociedade “evoluída” da cidade grande. Além da associação e relacionamento com dinheiro e comércio, Macunaíma teve que buscar uma compreensão acerca do que vive no cotidiano buscando uma melhor forma de socializar-se, podendo ser ilustrada neste trecho:

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá embaixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis. E aquele diacho de sagüi-açu que o carregara pro alto do tapiri tamanho em que dormira... Que mundo de bichos! Que despropósito de papões roncando, mauaris juruparis sacis e boitatás nos atalhos nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima, de certo a filharada da mandioca!... A inteligência do herói estava muito perturbada. (ANDRADE, 2016, p. 29)

Macunaíma muito se perturbou, mesmo sendo inteligente e criativo, metido a esperto porém ele tenta compreender tudo o que vira na cidade grande, desde situações em que envolviam pessoas e comunicações, até objetos, pessoas e tonalidade de pele branca (filhos da mandioca). Partindo disso, notamos uma confusão de ideologias e saberes adquiridos em sua vida no mato, não se dissociando dos animais e dos seres fantásticos, como os automóveis e a moradia atual. Isso implica na sua adaptação tanto em conhecimento, quanto em seu ser e convívio com os demais indivíduos.

As transformações do personagem andradeano não ocorrem mentalmente, perpassa para o seu exterior: é uma adaptação concreta e corpórea. Em determinado ponto da narrativa, para que este consiga o seu intento: obter de volta o amuleto dado por sua esposa, a icamiabas, que falecera, Macunaíma compreende a forma desonesta com que os paulistanos usam para conquistar as coisas, apesar de o personagem se mover visando satisfazer seus desejos, então, resolve fazer o mesmo, resultando na perda do caráter que vem no título do romance.

O entrosamento de Macunaíma com o gigante faz com que se conheçam e haja diálogo interesseiro entre ambos, como vemos: “Então Piaimã contou pra francesa que ele era um colecionador célebre, colecionava pedras. E a francesa era Macunaíma, o herói” (ANDRADE, 2016, p. 39). O gigante é um símbolo de raças estrangeiras que vieram morar no Brasil. O nome deste personagem é peruano, a atividade de comércio (regatear) era marco histórico dos italianos no país. Este era o curupira, pois possuía os pés pra trás e, além do mais, era um gigante, lenda originariamente medieval, trazida por influência ibérica. Macunaíma usa desta artimanha visando ter o objeto desejado, porém, sem êxito. Vemos a transformação de Macunaíma surtindo efeito. Ao deixar de ser indígena, mesmo que superficialmente – pois antes mal usava roupas –, e, indo à cidade, devido aos costumes sociais do novo meio em que esteve, utiliza roupas femininas para barganhar e recuperar o amuleto. Desse modo, sua transformação superou suas crenças relacionadas ao poder mágico do seu antigo amuleto.

A mudança de cunho antropofágico de Macunaíma não se limita somente ao mental e ao exterior, atingindo aos poucos a cerne do ser, do indivíduo enquanto nativo das Américas. Nota-se uma dissolução enquanto crença e busca a deglutição de novos saberes, o nosso personagem busca resolver seus problemas através de outras religiões como o candomblé:

No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o herói resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nele pra esquentar. Porém por causa de não ter força tinha mas era muito medo do gigante. Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exu diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia. (ANDRADE, 2016, p. 43)

O protagonista da narrativa enfrenta o seu adversário Venceslau, o gigante Piaimã que, segundo Bosi (1998, p. 203), Mário de Andrade o como “os ridículos da burguesia paulista, com os seus novos-ricos (o regatão endinheirado, Venceslau Pietro Pietra) e a sua cultura tida por grosseira e exibicionista [...]”. Vemos que Andrade (2016) faz uma dura crítica ao Brasil por terem uma cultura um tanto exagerada e cheia de aparatos supérfluos que se acham superiores, sendo o pivô do atraso intelectual do

povo. Vemos que esse estilo de vida luxuoso com pedantismo corrói o caráter, mascara a essência e os valores dos seres. Assim, o personagem Macunaíma, vivenciando dessa maneira, deixa ser bombardeado por esse modo de vida e vai se perdendo e se esvaziando no decorrer da narrativa.

Na busca por resolver seus problemas, Macunaíma recorre a outras fontes distintas das suas: ao candomblé, por exemplo. Este utiliza as forças mágicas para se vingar do rival, pois o medo o paralisava. Embora treinasse a sua percepção e os níveis de força, sabia que não conseguiria agir contra o seu oponente, pois era descomunal o poder do “gigante” (aquisitivo e influências sociais) e, sem auxílio ou ajuda, nada faria. A cena da chegada ao culto de matriz africana elucidada bem:

Às vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando. (ANDRADE, 2016, p. 43)

Macunaíma já tem um bom conhecimento de como agradar as entidades alheias à sua cultura materna. Sabe que a natureza do ofício e do ambiente é outro. Em seu costume de ameríndio, os ritos são exclusivos dos pajés ou em conjunto com seu povo. O herói nota que, em outra religião, como a qual ele busca solução, varia o número e as classificações de pessoas, tanto como meios de trabalhos, quanto ao caráter ou falta deles.

Nesse sentido, Bosi (1988) apresenta também uma visão de Mário de Andrade sobre esta cena. O autor via esse momento com uma complexidade sistemática de formas significantes em que a cultura brasileira seria de iletrados, pois, nesse trecho, agrava uma variação de gente e raças, como os negros, cafuzos, mulatos buscando em ritos mágicos a resolução dos seus problemas.

Todos os que buscavam sanar seus males na roda de candomblé sabe dos preceitos do culto e como ele se desenrola. Com Macunaíma não foi diferente: neste meio em que estava, teve que compreender como funcionavam os ritos e qual método utilizaria para conquistar de volta o seu muiiraquitã: “Então veio a vez de beber. E foi lá

que Macunaíma provou pela primeira vez o cachiri temível cujo nome é cachaça. Provou estalando com a língua feliz e deu uma grande gargalhada”. (ANDRADE, 2016, p. 45). Então Macunaíma bebe outras bebidas sem ser a do seu rito usual, bebe da bebida que os homens negros e brancos apreciam: a cachaça. Com isso, se apodera de outros costumes religiosos e alimentares, com vivências e produtos variados.

O personagem, durante esse tempo, melindrosamente vai perdendo, quase sem notar, a sua formação indígena. Aos poucos, saboreia bebidas desconhecidas para ele, ao passo que bebe de outras fontes de conhecimentos. Todos ansiavam por ser atendidos nos seus interesses e desejos:

Depois da bebida, entre bebidas, seguiram as rezas de invocação. Todos estavam inquietos ardentes desejando que um santo viesse na macumba daquela noite. Fazia já tempo que nenhum não vinha por mais que os outros pedissem. Porque a macumba da tia Ciata não era que nem essas macumbas falsas não, em que sempre o pai-de-terreiro fingia vir Xangô Oxosse qualquer, pra contentar os macumbeiros. (ANDRADE, 2016, p. 45)

Durante a cena, o personagem se acostuma com a bebida e os rituais, anseia que ocorra o esperado, que a médium incorpore o espírito que guia todo o trabalho espiritual e que consiga seus objetivos. Observamos que esse rito é de caráter sério, e não é fingido como os demais obreiros espirituais no Brasil de outras localidades. Nesse aspecto, há uma crítica aos religiosos corruptos que discursam e enganam. É comum do povo brasileiro ludibriar o próximo com seu jeito de falar. Dessa forma, Roberto Gomes (1986, p. 69) diz que “o tipo de inteligência que nos agrada é aquele que sabe brilhar através das palavras. Nunca ter feito uma frase de efeito, eis a falta que intelectual brasileiro jamais cometerá”. Diante dessa explicação, notamos que o brasileiro, possuindo caráter corrompido, se deixa influenciar por tais práticas retóricas. Querendo vingar-se do seu inimigo – no caso de Macunaíma, o gigante – este busca o dom do uso superficial da língua e busca, ainda, originalidade. Mesmo perdendo a cada momento um pouco de si, Macunaíma ainda se guia pelo seu desejo, o de ter o seu amuleto de volta, vemos nesse trecho:

Um namorista pediu pra pequena dele conseguir o lugar de professora municipal para casarem e Exu consentiu. Um médico fez um discurso pedindo pra escrever com muita elegância a fala portuguesa e Exu não consentiu. Assim. Afinal veio a vez de Macunaíma o filho novo do fute. E Macunaíma falou:

— Venho pedir pra meu pai por causa que estou muito contrariado.

— Como se chama? perguntou Exu.

— Macunaíma, o herói.

— Uhum... o maioral resmungou, nome principiado por Ma tem má-sina...

Mas recebeu com carinho o herói e prometeu tudo o que ele pedisse porque Macunaíma era filho. E o herói pediu que Exu fizesse sofrer Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente. (ANDRADE, 2016, p. 47-48)

Neste momento em que o herói conseguiu entrar em contato com o espírito de Exu, o consentiu realizar a sua vontade. O espírito incorporado renuncia que o personagem possui má sina desde o nome próprio. Trazendo pro âmbito da realidade, Mário também principia com a sílaba “Má”, mostrando a relação dele com o personagem; o herói sabe que não possui força descomunal, busca ofender o rival no campo espiritual, deixa-se levar pela crença e seus maus desejos, continuando a corromper-se e mudar seu interior. Ainda no trecho acima vemos a tradução cultural em que notamos “o gigante Piaimã comedor de gente”, ser o descendente de italiano Venceslau Pietro Pietra, representando o homem branco, mediante isso vemos no trecho a seguir:

Então foi horroroso o que se passou. Exu pegou três pauzinhos de erva-cidreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada, mandando o eu de Venceslau Pietro Pietra vir dentro dele Exu pra apanhar. Esperou um momento, o eu do gigante veio, entrou dentro da fêmea, e Exu mandou o filho dar a sova no eu que estava encarnado no corpo polaco. O herói pegou uma tranca e chegou-a em Exu com vontade. Deu que mais deu. (ANDRADE, 2016, p. 48)

Por meio desse artífice mágico, o rito tido como demoníaco para os cristãos, é que o personagem consegue violentar o seu inimigo. Buscou nas crenças dos outros, distintas às suas e de sua gente, para vingar-se do “gigante”. Deixando sua ira e outros sentimentos fracos e inumanos o levar a tal execução. O momento é trágico, pois a

incorporação se dá em um corpo de mulher polaca que apanha de Macunaíma.

É um rito que também se infunde elementos opostos aos princípios do cristianismo, a presença da benção de certos elementos por um padre corrompido, mostrando assim que a influência do catolicismo desde o período colonial e que atinge diversas religiões e situações, uma vez que veio para infundir sua visão tida como verdade absoluta.

Em consequência a estes fatos, o herói, em cada acontecimento da narrativa, adquire traços e perde um pouco os do seu ser indígena. Muitos aspectos do seu ser vão sendo diluídos em virtude de conflitos entre humanos ou fatores externos. Sobre a categoria personagem na literatura e para além dela, Reis (2017, p.130) diz: “as narrativa a que chamamos mediáticas criam heróis e reinventam mitos, como bem se sabe”. Através da narrativa que entremeia outros modos de ver a ação do personagem, dá dinamismo, vida e reinventa os mitos e seus modos e atos. Como é caso dos mitos indígenas recalcados em *Macunaíma*.

Vê-se também o dinamismo para se correlacionar com as múltiplas etnias. Notamos o brasileiro de olhos atentos a tudo o que vem do estrangeiro, priorizando os costumes e os saberes europeus. Na obra andradeana isso é retratado na personagem de Vei, a Sol:

Vei era a Sol mesmo e andava matinando fazer Macunaíma genro dela. Só que ainda não podia aquecer ninguém não, porque era cedo por demais, não tinha força. Pra distrair a espera assobiou dum jeito e as três filhas dela fizeram muitos cafunés e cosquinhas no corpo todo do herói. (ANDRADE, 2016, p. 51)

No livro *O tupi e o alaúde*, de Gilda de Mello e Souza, vemos a personagem “Vei, a Sol”, como prefigura da Europa, especialmente Portugal, que tanto influenciou nossa cultura e identidades brasileiras. No início desse episódio a Sol abraça, acolhe e cuida de Macunaíma, intencionalmente vemos alegoricamente que Portugal, em certo momento na história, reconhece o valor do Brasil e, por meio da vinda de portugueses é que existe essa relação harmoniosa entre a “Pátria Mãe” e o Brasil.

Notamos que, por meio dessa associação civilizadora, o personagem se adequa também aos meios de comunicação da época (carta e correspondência),

possuindo uma eloquência erudita ao buscar contato com as icamiabas e mantendo sempre em certos momentos a transformação/antropofagia para se adequar a seu meio. Por isso Macunaíma está sempre em movimento:

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrém grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan e até mesmo muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que esse vocábulo, tão familiar às vossas trompas de Eustáquio, é quasi desconhecido por aqui. (ANDRADE, 2016, p. 55)

Vemos que, pela escrita, o personagem buscou tornar-se mais erudito, pois relata o estudo etimológico da palavra que nomeia seu amuleto. O ocorrido imediato a sua chegada na capital o faz notar a diferença na oralidade de falar e grafar o termo “muiraquitã” e relata as icamiabas. Macunaíma, em suma, se admira por escrever, ouvir e falar a língua portuguesa de forma correta e coesa, atento as suas múltiplas possibilidades. Isso serve para ornar o ser social se agir de maneira eurocêntrica. Por isso, em *Crítica da Razão Tupiniquim* temos:

Isso revela uma de nossas alienações básicas: o deslumbrismo dos colonizados. Enquanto não se alcança uma linguagem hermética, acessível só a iniciados, algo cifrado e misterioso, não se acredita ter atingido um nível de pensamento aceitável. (GOMES, 1986, p. 71)

O brasileiro admira quem fala corretamente e é erudito, quem usa os recursos da língua de forma quase inacessível à compreensão dos demais. Macunaíma também usa de tal artimanha através da carta que escreve para falar com as suas súditas, e contar-lhes o que se passa na cidade grande. Evidencia neste trecho a relevância do “falar bonito” que chama a atenção e muitas vezes incompreensível ao leitor/ouvinte. O personagem relata mais novidades que descobre por São Paulo, como no excerto a seguir:

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam à pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que à chuvas do vil metal,

repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente dão o nome de lagostas. E que monstros encantados, senhoras Amazonas!!! (ANDRADE, 2016, p. 56)

O personagem Macunaíma, diante do que vivenciou na cidade grande, relata, de forma eloquente, o que é costumeiro por lá, numa espécie de crônica dos viajantes do “descobrimento” às avessas. O protagonista é alheio aos conhecimentos, por isso, conta as suas súditas que se diferencia da forma de cortejo que se tinha com as ditas amazonas, em que a abordagem era selvagem e mostra esse contraponto com as mulheres da cidade paulistana, pois relata, ainda, a alimentação exótica: a lagosta que ele imagina ser um monstro comestível. A partir dessas traduções culturais vemos o jogo adaptativo de Macunaíma.

Relacionando à esses estudos, notamos, por meio dos dois horizontes dicotômicos a serem analisados e, partindo especificamente do mundo virtual para o real, no que concerne à literatura, Roberto Schwarz (1987), nos traz uma ideia de como o brasileiro vê a cultura estrangeira:

A filosofia francesa recente é outro fator no descrédito do nacionalismo cultural. A orientação antitotalizadora, a preferência por níveis de historicidade alheios ao âmbito nacional, a desmontagem de andaimes convencionais da vida literária (tais como as noções de autoria, obra, influência, originalidade e etc. (SCHWARZ, 1987, p. 5)

Partindo desse pressuposto, vemos o quanto o brasileiro se satisfaz em imitar e valorizar uma cultura vinda de fora do Brasil. Não é de hoje que isso ocorre e é algo que está arraigado desde o período da colonização do país, pelos povos europeus. É uma busca assídua por se comparar com os países estrangeiros e esquecendo muitas das vezes a riqueza que temos no Brasil e o que nos é mais original, a cultura. Trata-se do desejo de se edificar com o norteamento dos princípios europeizados ou de outras localidades extraterritoriais da nacionalidade. Mediante esse fato, retomamos ao virtual e às questões vividas pelo personagem analisado. Este relata às icamiabas um modo novo de vida visto por ele:

Ora se alimpam, e gastam horas nesse delicado mester, ora encantam os convívios teatrais da sociedade, ora não fazem coisa alguma; e nesses trabalhos passam elas o dia tão entretecidas e afanosas que, em chegando a noite, mal lhes sobra vaga para brincarem e presto se entregam nos braços de Orfeu, como se diz. Mas heis de saber, senhoras minhas, que por cá dia e noite divergem singularmente do vosso horário belígero; o dia começa quando para vós é o pino dele, e a noite, quando estais no quarto sono vosso, que, por derradeiro, é o mais reparador. (ANDRADE, 2016, p. 58)

O herói ainda narra às suas súditas amazonas e o modo com que as mulheres paulistanas se ocupam diariamente (especificamente as meretrizes). O zelo pelo corpo e os cuidados higiênicos se dissociam aos das mulheres indígenas da Amazônia. Macunaíma relata ainda o momento de repouso que acordam quase ao meio dia e que vão se deitar pela madrugada, o modo como convivem perante a sociedade, frequentando teatros e outros espaços públicos. Tudo isso o personagem repara e conta em sua carta às suas mulheres, as icamiabas.

Existem inúmeras diferenças do meio em que o personagem nasceu e o meio urbano que se encontra. Este narra dificuldades relacionadas ao dinheiro. Quando tem a oscilação do preço e das inflações, narra ainda que ao trocar sua moeda de troca por dinheiro houve uma quebra financeira que foi desfavorável para ele e os irmãos parentes. Relata, ainda, a forma com que se conquistam as mulheres para o enlace sexual, em que é necessários passeios e gastos com jantares caros, bebidas (tudo isso até então desconhecido por ele) o personagem se amolda a sociedade “civilizada”, é sempre um choque cultural, quando ele passa por certas ocasiões até então vividas por ele fazendo uma ponte com a forma em que vivia poligamicamente com suas mulheres quando ainda habitava as redondezas da Amazônia:

Falam numerosas e mui rápidas línguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente díspares entre si, quais loiras, quais morenas, quais fossem maigres, quais rotundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais dum país somente. Acresce ainda que a todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epíteto de “francesas”. (ANDRADE, 2016, p. 59)

Macunaíma retrata mais precisamente nesta passagem da carta, como são as mulheres paulistanas dessa época denotando a educação, polimento e elegância com que vivem e trabalham, fala das habilidades em se relacionar com os homens, refere-se à variação racial e corporal destas, contrapondo aos jeitos rudes e uniformes das icamiabas por serem “selvagens”. Mostra, ainda, que essas damas paulistanas possuem o epíteto de “francesas”, uma forma um tanto pejorativas, pois a maioria eram meretrizes, tornando evidente a influência europeia na edificação social de São Paulo. Através desse sistema adotado por ele, é que se dá a forma de relação sexual diferente das mulheres amazonas; Ele relata ainda outros problemas sociais como a poluição:

E em principal duma finíssima poeira, e mui dançarina, em que se despargem diariamente mil e uma espécimens de vorazes macróbios, que dizimam a população. Por essa forma resolveram, os nossos maiores, o problema da circulação; pois que tais insectos devoram as mesquinhas vidas da ralé e impedem o acúmulo de desocupados e operários; e assim se conservam sempre as gentes em número igual. (ANDRADE, 2016, p. 60)

Ao mencionar também fatores relacionados ao ambiente, como a poluição e a poeira que degrada a saúde dos habitantes da cidade grande e que se diferencia da zona florestal em que viveu juntos as suas súditas, Macunaíma afirma que tais fatores de poluição causam doenças crônicas e até se tornam uma forma de controle populacional, uma vez que atingem, sobretudo os pobres e trabalhadores. Tudo isso foi notado pelo personagem nesse trecho, em que este vê que a doença advinda da poeira dos automóveis e das indústrias é prejudicial não somente à saúde, mas, também, ao meio ambiente, diferentemente do ambiente puro em que o mesmo vivia.

Esses fatos vividos pelo herói modificaram a essência indígena dentro do personagem. Ou por assim dizer, vai destituindo aquilo que lhe era próprio, seus costumes, convivências, tradições e crenças. Aos poucos, o ser nativo ameríndio de Macunaíma se esvai e esse vazio vai sendo preenchido por outros caracteres sociais oriundos da cidade civilizada. Assim, o personagem se transforma numa figura que representa a miscigenação brasileira. Reinando a influência dos outros povos, especificamente os europeus, infundida desde o período colonial. Por isso resta-nos

rever e repensar as vertentes étnico-culturais que nos perfazem e uma dessas possibilidades é ler atentamente *Macunaíma* (2016).

2.2 “É o pai do mutum”: a jornada de (des)apropriações ameríndias de Macunaíma

Durante a narrativa, o personagem continua sua jornada e encontra muitos modos de vivenciar as situações inusitadas que o tocam profundamente, ocasionando um distanciamento do seu ser ameríndio. Não somente isso, mas, como o personagem é uma figura representativa da nação brasileira, especificamente a originária, as transformações de Macunaíma representam, metonimicamente, todos os povos indígenas.

Desde a chegada dos portugueses, em 1500, os nativos do país vêm sofrendo de várias formas possíveis desde a perda de seus valores e visão de mundo a questões como: saúde, história, costumes e localidade adequada para moradia. Os ideais europeus eram de exploração das terras brasileiras e da extração de todas as riquezas encontradas nelas.

Conciliamos melhor a situação literária com a realidade mediante fatores que ligam o mundo da leitura ao mundo real, assim nos relata Reis (2017, p. 134): “a partir dessas situações pré-narrativas, abrem-se trajetos de leitura colaborativa e interativa que levam ao aparecimento (à emergência) de uma narrativa que assim passa de virtual para a atual”. A narrativa sempre é construída por elementos que vêm antes e dão suporte ou abrem caminhos para sua construção. Por esse entrelaçamento é que torna possível ser associado com a realidade dos fatos e com a contemporaneidade. Por essa ótica, vemos o quanto a literatura está entrançada com o real, pois existe um processo que flui para fora do campo literário para a realidade externa, e faz o percurso de volta, assim nos mostra Candido (2006) no trecho a seguir:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores ideologias, às técnicas de comunicação. (CANDIDO, 2006, p. 30)

Existem tarefas a serem observadas e cumpridas referentes à análise da construção do texto literário. Há um caminho que sempre se retoma ao edificar uma narrativa, um exemplo deles são os fatores sociais e culturais de onde influenciam a construção do material literário, que possui variantes em questão de temáticas e contextos abrangentes, unindo-se ao social e repassando sempre uma mensagem.

Do mesmo modo, o herói da narrativa andradeana sente a necessidade contínua de aprender corretamente a língua portuguesa e dela obter todo o recurso necessário para negociar e conviver melhor, como uma maneira de arma-se com os instrumentos do homem branco. Deixando de lado sua língua-mãe, identidade marcante do seu ser. Assim, vemos que, no trecho, Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra: o brasileiro falado e o português escrito: “Já sabia nome de tudo” (ANDRADE, 2016, p. 65). Diante da variação da língua portuguesa, Macunaíma necessita e busca dominar as duas variações. Este personagem já possui um conhecimento firme das coisas, com seus nomes e pronúncias. Era o modo como se introduzia na sociedade paulistana, já em consonância com o seu jeito brasileiro de ser e de se portar, como nos relata Gomes (1986):

Mas o brilhantismo da Razão Ornamental não envolve apenas aquelas ocorrências em que alguém é capaz de manipular palavras com especial esmero. Na verdade, mais nos deliciamos quando esta capacidade é dosada com pitadas de sábias malandragens. (GOMES, 1986, p. 70)

Este conjunto de ferramentas, em união com o que os brasileiros possuem: “malandragem”, faz do herói uma pessoa mais vinculada e engajada no meio urbano. Assim, a malandragem possui dois vieses, um de conotação positiva, e outra negativa. Pelo lado bom, conquista-se o que almeja, facilita a resolução de problemas e abre possibilidades inéditas. Do outro lado, é prejudicial a quem se deixa levar por este artífice. É encantador ver alguém possuir uma boa oratória, isso deixa brechas para ser enganado e com Macunaíma não é diferente.

Em certo momento da narrativa, o herói se depara em meio a multidão, nas ruas paulistanas, com um mulato que sobe em uma estátua e principia um discurso solene, explicando ao povo o motivo de uma data comemorativa, o dia do cruzeiro.

Intencionalmente, essa data possui raízes no catolicismo e refere-se a um símbolo que é atribuído a uma constelação costumeiramente conhecida como Cruzeiro do Sul, como vemos a seguir: “só depois do homem apontar muito e descrever muito é que Macunaíma pôs reparo que o tal de Cruzeiro era mas eram aquelas quatro estrelas que ele sabia muito bem serem o Pai do Mutum morando no campo do céu” (ANDRADE, 2016, p. 67). O herói da narrativa, atento ao que o homem relata no seu discurso, nota que o Cruzeiro do Sul é algo conhecido por ele e pela sua etnia tendo outra referência, a do pássaro que representa o céu, não conhecendo como o Cruzeiro do Sul, como dito pelo homem civilizado, mas como sendo uma lenda do Pauí-Pódole, crença do seu povo ameríndio. No mesmo tom em que narra as lendas do país conflui de forma um tanto pitoresca as impressões de São Paulo, contudo vemos Nogueira (2010), citando uma publicação de revista, diz o seguinte:

Pauí-Podole se contrapõe ao “símbolo” do Cruzeiro do Sul. Macunaíma narra uma história que se contrapõe ao que um mulato da maior mulataria [que] trepou numa estátua e principiou um discurso entusiasmado explicando para Macunaíma o que o dia do Cruzeiro”. Uma lenda indígena tem para o herói significado mais verdadeiro que o símbolo astronômico da cultura branca (a ironia do episódio é que quem defende esse símbolo é um mulato). (NOGUEIRA, 2010, p. 16)

Diante dessa citação, vemos que por meio do discurso bem feito do mulato, este visa mostrar a Macunaíma a originalidade e os enfeites do seu discurso, bem como mostra de qual realidade (europeia) representa e explica o significado do Cruzeiro do Sul. O herói, diante disso, o refuta e explica com propriedade e originalidade (ameríndia para o herói) a origem simbólica astronômica de tal constelação e discursa de forma convincente e terna ao ponto de chamar atenção do povo.

Macunaíma observa atento o discurso do homem e, por meio de seus conhecimentos de mundo, este nota que não é nada do que o rapaz fala, e, sim, a narrativa que conhece. No mesmo momento, fica indignado e aos poucos vai interrompendo o discurso do homem. Ele ainda está confuso e não compreende bem o encontro cultural nesse momento:

- Meus senhores, que o outro discursava, aquelas quatro estrelas rutilantes como lágrimas ardentes, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...
- Não é não!
- Psiu!
- O símbolo mais...
- Não é não!
- Apoiados!
- Fora!
- Psiu!... Psiu!... (ANDRADE, 2016, p. 67)

Diante do barulho e do discurso revestido de patriotismo, Macunaíma corta a fala do sujeito que discursa e o interrompe acentuando que o homem estava errado e o que dizia era incoerente como o que ele sabia, embora notasse na narrativa que o discurso chamasse a atenção dos ouvintes. Isso, portanto, é outra marca do povo brasileiro aderir a certas filosofias e agregá-las em seu discurso, como cita Gomes (1986, p. 70) em seu texto *Razão Ornamental*: “outra nota da Razão Ornamental é a adesão aos ‘ismos’. Intelectual brasileiro que se preze adere a um ‘ismo’ qualquer, o que lhe concede cidadania no universo do pensamento, sobretudo se for o último ‘ismo’ aparecido”.

Diante desses relatos, o personagem Macunaíma se enche de atitudes, sobe na estátua e atreve-se a pronunciar um discurso relatando sob o seu ponto de vista o que seria as junções das estrelas formadoras do Cruzeiro do Sul (visão religiosa cristã e europeizada). Para o personagem, tal constelação é o “pai do Mutum”, uma lenda que explica a formação do agrupamento dessas estrelas. Assim, este diz: “Minha gente! aquelas quatro estrelas não é Cruzeiro, que Cruzeiro nada! É o Pai do Mutum! É o Pai do Mutum! Minha gente! É o Pai do Mutum, Pauí-Pódole que pára no campo vasto do Céu!... Tem mais não” (ANDRADE, 2016, p. 69).

O herói discursa para o povo, vemos nisto uma relevância das vozes de outros povos como imigrantes nordestinos, nativos, negros que são a base da nossa sociedade, mas parecem que são incapazes de ser absorvidos socialmente, vemos que tal discurso também está invalidando o que o mulato tinha relatado, a explicação do significado da constelação. Devido a quebra do discurso por Macunaíma, e, este tendo a vez de falar, contou a sua simbologia por meio da leitura de mundo que tivera por

tradição que, para o referido personagem, possui mais valor do que uma criação da raça branca, um símbolo relacionado a astronomia. Deste modo, é um tanto hilário um mulato discursar e defender essa ideia de Cruzeiro do Sul.

Mediante esse discurso, baseado na tradução cultural da mitologia nativo ameríndia, se dissocia contra conceitos técnicos da astronomia ocidentais, juntamente com crenças religiosas ou lendárias, pois, para o personagem, é o Pai do Mutum a verdade para a explicação do fenômeno estelar. Este, portanto, testifica muitas vezes chamando a atenção do povo. Macunaíma tenta reafirmar os seus ideais de origem e as raízes de conhecimentos oriundos do seu povo.

Gomes (1986, 71) retrata bem essa questão de originalidade, vejamos: “confundimos, por outro lado, pensamento original com pensamento novidadeiro. É preciso insistir: ser novo é um acidente do original. Original é o que lida com as origens, não o último no tempo. Eis porque o rótulo de ‘ultrapassado’ é puro equívoco”. Seguindo essa lógica, o personagem demonstra originalidade em seu discurso evidenciando a explicação do significado do agrupamento de estrelas, o modo com que Macunaíma usa da fala, dos relatos e eloquência para convencer o povo de que o seu argumento e história era uma realidade fatídica e coerente.

O herói da narrativa explica ao público, originalmente, como surgiu esse fenômeno astronômico, variando duas lendas: (1) a do pai do Mutum, que foge das formigas, narrada na obra; e (2) a origem da via láctea por meio de um caminho feito por vaga-lumes, de tal modo bem contado que o povo que houve se contenta e se agrada do que ouviu, como vemos no excerto: “o povo se retirou comovido, feliz no coração cheio de explicações e cheio das estrelas vivas. Ninguém não se amolava mais nem com dia do Cruzeiro nem com as máquinas repuxos misturadas com a máquina luz elétrica.” (ANDRADE, 2016, p. 69). Com as palavras do herói sendo aceitas, contendo originalidade das raízes brasileiras, no caso a ameríndia, mas, sobretudo poesia, os que ouviram se contentaram e o discurso tocou o coração, marcou a noite dos paulistanos. Assim, esqueceram-se da data patriótica fabricada pela elite branca e levaram no fundo do seu ser as palavras de Macunaíma.

A situação vivida pelo protagonista, de constante transformação não se limita

somente a isso. O personagem se envolvendo em conflitos, ora agrega valores, ora perde os seus próprios valores. No episódio vivido por ele, com a captura da mulher do gigante Piaimã (Venceslau Pietro Pietra) que roubou seu amuleto (muiraquitã), ele é temporariamente salvo pela filha da velha que o leva para o quarto e o mantém trancado, e acontece o episódio abaixo:

A moça ficou com medo e mandou Macunaíma atirar vinte mil réis por debaixo da porta pra ver si contentava a gulosa. Macunaíma de medo já atirou cem que viraram em muitas perdizes lagostas robalos vidros-de-perfume e caviar. (ANDRADE, 2016, p. 80)

Por essa ótica, podemos ver que o personagem em questão se despedaça em cada momento de sua jornada, pois compreende o jogo de troca de favores (ou dinheiro) em situações sujas. O modo como o autor configura a cena, o de atirar dinheiro debaixo da porta, notoriamente mostra que a velha é um ser egoísta e necessita suprir os seus vícios. Com tal ganância, extorque Macunaíma e consente, ao mesmo tempo em que este goze da presença da filha dela.

Deste modo, vemos na sociedade brasileira, prefigurada por Macunaíma, que o povo nativo do país aprendeu o mesmo jogo de poder dos brancos, denotando nesse trecho, trocas de favores (ou por obrigação) para saciar a fome de terras e destruição de culturas dos famintos e gananciosos homens de terras do agronegócio, visando ainda uma conservação de identidade, isso quando não entram em confronto. Fatores como essas são perenes na história do nosso país:

Garimpeiros destroem matas, poluem rios, degradam o meio ambiente para saciar sua gana por metais preciosos, desde a Amazônia à Roraima, os índios sofrem represália e vivem em confronto com o homem branco para preservar o que é seu por direito, tanto as terras como sua cultura e originalidade, tudo isso ocasiona mortes e destruição, a existência e resistência dos povos ameríndios é sinônimo de peso, cruz para os governantes que só visam explorar e expandir suas empresas e sua ganância. (O GLOBO, 2018)

Em outro episódio do personagem-protagonista, este é um fugitivo da velha caipora, tradução cultural para a mulher do poderoso “gigante Piaimã”. Ele percorre

muitas localidades do Brasil e, nessa fuga, encontra e aprende lendas e lugares famosos por seus mistérios, mostrando a riqueza cultural que o país possui. A maioria dos locais são ermas, matas e chapadas, mostrando a altivez geográfica de nossas terras tropicais e o valor territorial da sua extensão. Nessa fuga épica, pega carona em um jaburu e sobrevoa muitas regiões e isso possibilita ao personagem ver todo o panorama e refletir sobre quem está se tornando. Ao descer do voo, ele agradece a ave e o recomenda:

— Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho: Neste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia!
Porém estava tão acostumado a gastar que esqueceu-se da economia. Deu dez contos pro tuiuí, subiu satisfeito pro quarto e contou tudo pros manos já muito ressabiados com a demora. (ANDRADE, 2016, p. 86)

O herói lembra-se do pouco recurso financeiro que tem, e usa de saberes e ditados populares para pagar a viagem com a ave. Utiliza de uma forma um tanto cômica para aconselhar o jaburu, alertando-o para ter cuidado com “três barras” perigosas que atacam as paixões e pecados humanos. A barra de rio, pois o homem indo buscar o limiar do rio, geograficamente, ou vai rumo a uma queda d’água ou para o mar. A barra de ouro, que desde o início das civilizações o ouro tem um grande valor, gerando discórdia e matança em todo o planeta. Com a nação nativa brasileira não foi diferente. Desde a chegada dos europeus ao Brasil, os povos originários são explorados por tal metal e tem suas terras tomadas em nome de riquezas comerciais.

O tempo, mesmo decorrido, não diminuiu a sanha e ambição do homem branco e sua sede por ouro e pedras preciosas, não medindo o tamanho da destruição ambiental causada por meio desse olhar avaro. Os indígenas perduram sofrendo em relação às invasões territoriais, sem contar com o abandono do governo em relação a saúde e aos direitos de terras. A terceira e última barra indicada pelo personagem ao tuiuí é a barra de saia, ter o cuidado e estrar atento em qualquer circunstância em relação ao flerte com as mulheres da cidade que o levou a péssimas condições.

O diálogo bem construído e elaborado é algo que leva à perdição do homem, como nos diz Gomes (1986, p. 75): “o discurso intelectual brasileiro se dá num nível de

manifestação clara: o de uma razão comprometida. Não com a verdade. Com efeito, quem a exerce? O pretendido intelectual”. O importante para quem discursa não é o comprometimento com a realidade ou a verdade, e, sim, o efeito final do discurso. Isso Macunaíma já notou em sua vivência na cidade, por isso se posiciona de forma idêntica quando necessita, mas tem consciência do quão prejudicial ao outro é esse tipo de atitude, mesmo diante disso ele alerta ao tuiuiú todos os três perigos degradantes do homem.

Relacionado ao discurso e falta de verdade, os nossos nativos desde a chegada dos europeus ao Brasil, vem enfrentando conflitos e disputas de territórios, são deixados a margem da sociedade, excluídos e privados dos seus direitos, atualmente a situação só se agrava. O General Franklimberg Ribeiro de Freitas deixou o cargo de presidência da Funai (Fundação nacional do índio), neste ano de 2019, devido o descaso político em relação ao órgão indigenista, pois os políticos não se importam e omitem a ajuda e os recursos financeiros necessários. Existe, desfarçadamente, um ódio por parte do ministério da agricultura. Essa raiva repercute na sociedade como um todo, a guerra dos nativos contra o agronegócio, disputando terras ainda é uma realidade vigente no país (O GLOBO, 2018). Não obstante, o que aconteceu com Macunaíma, vendo e aprendendo o que lhe foi proporcionado nessa etapa, o personagem ainda mantém vivo o desejo e a luta para conseguir sua muiraquitã. Sabendo da notícia que o “gigante” teria viajado para a Europa, este pede ajuda dos irmãos para conseguir também ir a essa viagem rumo ao seu plano e veem a quantidade de recursos financeiros e tem uma ideia:

— Mas pra que tanta complicação si a gente possui dinheiro à beça e os manos podem me ajudar na Europa!

— Você tem cada uma que até parece duas! Poder a gente pode sim porém mano seguindo com arame do Governo não é melhor? É. Pois então!

Macunaíma estava refletindo e de repente bateu na testa:

— Achei!

Os manos levaram um susto.

— Que foi!

— Pois então finjo de pintor que é mais bonito! (ANDRADE, 2016, p. 85)

Os irmãos se unem para aprimorar a ideia que tiveram e buscam tramar para que Macunaíma viaje com dinheiro do governo, visando poupar o que eles possuem. O herói tem uma ideia, a de fingir ser pintor, vendo que o governo valoriza as pessoas cultas e tidas como eruditas, pretende deixar temporariamente seu modo de vida indígena. Macunaíma pretende “ser” um artista de requinte europeu. O estudioso Gomes (1986) retrata claramente essa forma em que o brasileiro vê as práticas e os países europeus:

Desejamos ser reconhecidos pela Mãe-Europa, em nossa edipiana e mórbida dependência afetiva e intelectual. Com isso perdemos a oportunidade de ser alguma coisa qualquer, não necessariamente melhor ou pior do que a Europa, mas apenas isto: nossa. Em consequência, o intelectual tupiniquim vive num estado de dissociação: voltado para fora e de fora esperando reconhecimento. (GOMES, 1986, p. 73)

Vemos que o autor retrata bem como são os brasileiros, afinal, buscamos sempre algo na Europa, seja na literatura, nos objetos, nos ambientes, buscamos a originalidade do ser europeu e deixamos de lado o centro de nossa cultura e natureza. Deixamos a possibilidade de sermos quem somos (negros, nativos, imigrantes nordestinos). Talvez, sejamos como o nosso personagem principal, visamos obter um objeto sacro a todo custo e nesse caminho, nos perdemos. Macunaíma se deixa levar e pensa em curar seus anseios na Europa, se distancia do seu povo por um tempo, mas seu foco ainda é o objeto mágico, o muiraquitã.

Macunaíma desiste de ir a Europa, nota que lá não é o seu lugar, e seria um sacrifício enorme, vendo o pouco dinheiro que tem ele diz: “— Paciência, manos! Não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização europeia na certa esculhamba a inteireza do nosso caráter” (ANDRADE, 2016, p. 87). Vendo por essa ótica, relata diretamente o quanto são nocivos os ideais europeus, mas por outro lado as noções de bom e mal, justo e injusto estão dentro das diversas culturas, não apenas na europeia, marcado pela destruição de civilizações ameríndias, em busca de riquezas.

A ambição cega o homem e o herói andradeano compreende que em vista da convivência com a “civilização” aprendeu dela muitas coisas distorcidas concernentes a

ética e ao caráter. O personagem ludibria e também é ludibriado. Andando por São Paulo, Macunaíma encontra um mascate que arranja artifícios para enganá-lo:

- Bom-dia, conhecido, como le vai, muito obrigado, bem. Si você quer te vendo meu micura.
- Que que vou fazer com um bicho tão pixento! Macunaíma secundou botando a mão no nariz.
- Tem aca mas é coisa muito boa! Quando faz necessidade só prata que sai! Vendo barato pra você!
- Deixe de conversa, turco! Onde que se viu micura assim! (ANDRADE, 2016, p. 85-86)

São Paulo sempre possui a capacidade de acomodar pessoas de várias etnias e nacionalidades como: indígenas, negros, europeus, turcos; como aparecem na narrativa. Nesse excerto o mascate ludibria o herói e o convence a comprar um micura, uma espécie de gambá, dizendo-lhe que o mesmo animal por um mistério, defeca dinheiro. O turco vende pelo dinheiro que Macunaíma economizara e sem o consentimento dos irmãos, o protagonista compra o animal e se depara posteriormente com uma fraude.

Na realidade, isso acontece com os povos originários desde os primórdios do descobrimento do Brasil. O homem branco enganou e convenceu os ameríndios a fazerem aquilo que desejavam e a serem mão-de-obra em troca de espelhos e outras quinquilharias, em alguns momentos por obrigação, em outros, por lábia, malandragem, como foi o caso ocorrido nesse episódio:

- Está vendo! Faz necessidade é prata só! Ajuntando a gente fica riquíssimo! Barato pra você!
 - Quanto que custa?
 - Quatrocentos contos.
 - Não posso comprar, só tenho trinta.
 - Pois então pra ficar freguês deixo por trinta contos pra você!
- Macunaíma desabotoou as calças e por debaixo da camisa tirou o cinto que carregava dinheiro. Porém só tinha a letra de quarenta contos e seis fichas do Cassino de Copacabana. Deu a letra e teve vergonha de receber o troco. (ANDRADE, 2016, p. 86)

O mascate mostra através de enganação que o animal à venda defeca dinheiro e com isso cobra um preço exorbitante deixando o herói sem dinheiro. Existem na

sociedade (em todas as épocas) pessoas que se agigantam tirando proveito das desvantagens alheias. Existem, ainda, os que gostam de ludibriar e enganar as pessoas dissimuladamente e negam a si para serem outras pessoas, usando de má filosofia de vida. Gomes (1986, p. 75), em seus escritos fala: “sabemos que uma das pretensões da filosofia, quando interessada na verdade é erguer o véu que encobre o real – e concluímos que entre a Razão Ornamental e a filosofia não há possibilidade de conciliação”. Evidenciando a dicotomia entre razão ornamentada e o compromisso com a filosofia e a verdade.

Em outro episódio, a personagem doente e quase no seu fim de vida, tem outro encontro com Vei, a Sol, e ela relembrando o ocorrido no passado, pretende castigá-lo: “Foi assim muitas vezes. Se aproximava o pino do dia e Vei estava zangadíssima. Torcia pra Macunaíma cair nos braços traiçoeiros da moça do lagoão e o herói tinha medo do frio. Vei sabia que a moça não era moça não, era a Uiara” (ANDRADE, 2016, p. 127). Retomamos a análise rememorando a prefiguração da Europa contida na personagem Vei, a Sol. Compreendemos que a Europa demarcou sua influência no povo brasileiro, das raízes ameríndias, detonando com a cultura e natureza dos nativos.

Gilda de Mello e Souza (2003) nos traz uma noção de como isso ocorreu. Assim, relata que sendo a Sol símbolo da Europa, de tonalidade clara, alva, ela refaz e repensa estrategicamente como fará para destruir o personagem Macunaíma, que prefigura os indígenas do Brasil. A Sol se utiliza de miragem para enganar o personagem, este cai na fatídica armadilha e é mutilado por Uiara e os seres do rio, perdendo a muiiraquitã, o objeto que o definia e dava sentido. Com isso, notamos que através da personificação e simbologia, temos a Europa que por influência transforma em muitos aspectos o Brasil, fazendo-o cego e desatento às suas origens.

Vemos, a partir dessa alegoria, o Brasil se entregando às culturas estrangeiras, perdendo fundamentos e valores que mantinham os povos vivos, desse modo nasce a problemática: existem meios para que essa transformação se desfça e retomemos um novo caminho? Possivelmente existem poucos modos de reverter a situação, valorizando o jeito próprio dos brasileiros, aprendendo sobre as diversas raízes e origem dos povos primeiros, povos identitários que são emblema do Brasil, variando em

etnias mistas que nos moldam, marcam, fazem ser quem somos e nos movem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido anteriormente, vimos que o herói da narrativa andradeana se transformou aos poucos durante cada episódio vivido por meio da busca em se integrar à sociedade urbana. Macunaíma se fragmentou e absorveu muitas características e foi, paulatinamente, abandonando a sua existência ameríndia. Isso ocorre também com os povos indígenas do Brasil. Em consequência da opressão, da aceitação e da necessidade de sobrevivência, estes foram perdendo a sua originalidade, desfazendo o conteúdo nativo e abrindo espaço para o novo (ideias europeizadas) e preenchendo o espaço em si com a visão de mundo do outro.

Notamos que o personagem-protagonista principia sua transformação de cunho antropofágico por meio do plano externo, físico, corporal, quando parte em jornada ao interior de si, mantendo uma relação mútua entre perder valores e permitir utilizar valores impostos pela sociedade em que ele se inseriu. Percebemos que, em virtude do perspectivismo ameríndio, aprendemos outros conhecimentos e saberes que nos possibilitam agregar culturas e naturezas, bem como olhar por um ângulo diferente da que costumeiramente utilizamos, como o da influência europeia, da religiosidade cristã e da valorização da branquitude. Assim, compreendemos o quanto temos em nós da cultura e natureza dos povos originários e isso nos possibilita reavaliar a situação social vigente.

Em suma, compreendemos que existem outras histórias sob a história oficial que nos foi contada. Existe uma cosmovisão abrangente que integra o homem à natureza, a todos os seres vivos e os já não vivos e isso é o que faz sentido em relação ao que se compreende sobre comunhão e ideais de convívio, respeito, multiplicidade de horizontes e de integração social. Dessa maneira, visando construir uma convivência em um mundo melhor, o romance andradeano se coloca como uma fresta para acessarmos outra percepção sobre o real e sobre a matriz dos povos originários na identidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANAHATA. **O problema da palavra “tribo”**. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@desabafos/o-problema-da-palavra-tribo-5c89af4be369>. Acesso em: 10 de set. 2019.
- ANDRADE, O. O manifesto antropófago. *In*: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ANDRADE, M. **Macunaíma**: O herói sem nenhum caráter. Barueri: Ciranda Cultural, 2016.144 p.
- BASSO, S. E. **Gente é macaco de onça**: notas sobre o sujeito a partir do perspectivismo ameríndio. 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41142232-Gente-e-macaco-de-onca-notas-sobre-o-sujeito-a-partir-do-perspectivismo-amerindio-estela-de-souza-basso-1.html>. Acesso em: 12 de Set. 2019
- BOSI, A. Situação de Macunaíma. *In*: **Céu, Inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 187-207.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CASTRO, E. V. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Piá. 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pi%C3%A1/>. Acesso em: 21 de Ago. 2019
- GAIO, H. P. C. Macunaíma entrincheirado: a crítica entre a forma e a identidade nacional. **Revista Ágora**, n. 24, v. 1, p. 18-30, 2017.
- GILBERTO, R. **Cultura brasileira**: memórias sobre as relações da obra Macunaíma. *In*: Especial: Macunaíma. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00003.htm>. Acesso em: 21 de Ago. 2019
- GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. 10. ed. São Paulo: Ftd S.a, 1994. 124 p.
- JAYRO, L. A Simbologia Estelar e o Conceito de Signo em Macunaíma. **Revista Diálogos**, Recife, v. 1, n. 3, p.5-20, 1 ago. 2010.

MARTONI, A. S. **Macunaíma e a experiência de vanguarda no Modernismo literário e no Cinema Novo**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006, 96p.

O GLOBO. **Aumenta número de casos de invasão e conflitos em terras indígenas, diz Cimi**. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/aumenta-numero-de-casos-de-invasao-conflitos-em-terras-indigenas-diz-cimi-23107785>. Acesso em: 12 set. 2019.

REIS, C. Para uma teoria da figuração. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento. **Letras de Hoje**, v. 52, n. 2, p. 129-136, 2017.

RICARDO, G. **Cultura brasileira**: memórias sobre as relações da obra Macunaíma de Mário de Andrade com as teorias históricas. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00003.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

SÁ, M. R. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 3, n. 3, 1996, p. 558-559.

SCHWARZ, R. Nacional por subtração. **Revista Que horas são**. v. 1, n. 1, 1987, p. 29-48.

SOUZA, G. M. **O tupi e o alaúde**: uma interpretação de Macunaíma. 2. ed. São Paulo: 34, 2003.

XAPURI. **Mani**: A lenda da Mandioca. 2019. Disponível em: <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/mani-lenda-da-mandioca/>. Acesso em: 09 nov. 2018.
https://www.researchgate.net/publication/323969820_Eliane_Potiguara_and_Daniel_Munduruku_For_an_Amerindian_worldview